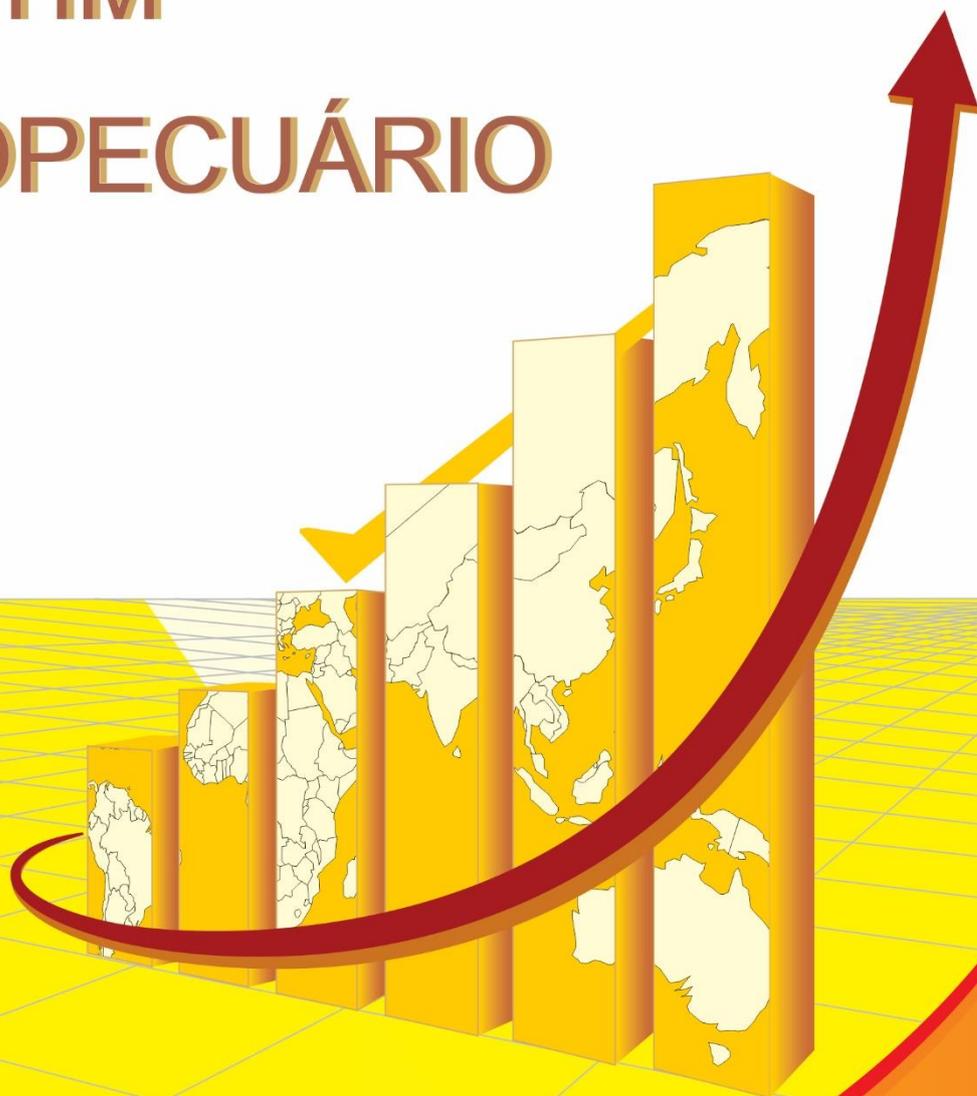


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri

Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pesca

Ivan Luiz Zilli Bacic

Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Reney Dorow



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 308

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: março de 2020 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Março/2020. Florianópolis, 2020, 46p. (Epagri. Documentos, 308).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

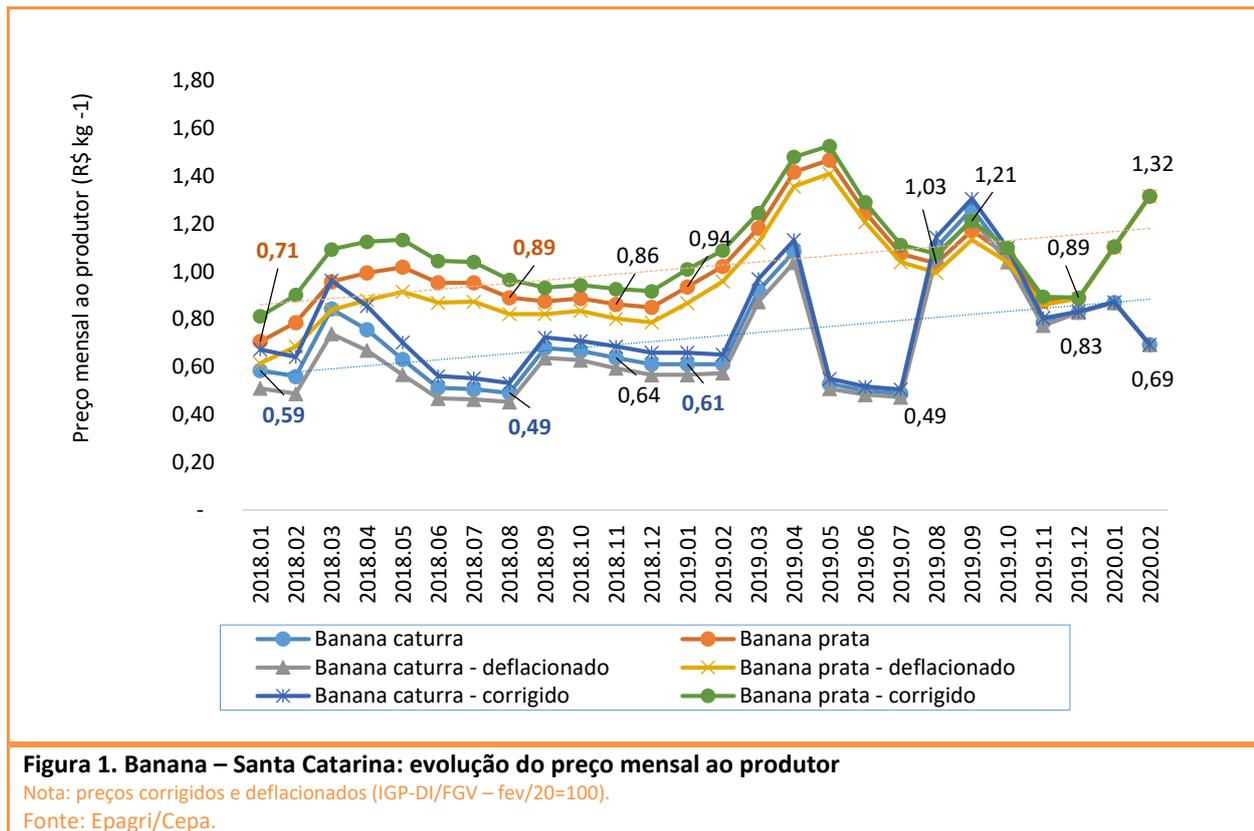
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	20
Hortaliças	22
Alho.....	22
Cebola	25
Pecuária	27
Avicultura.....	27
Bovinocultura	33
Suinocultura.....	38
Leite	45

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Entre agosto e novembro de 2019, com demanda reduzida, houve desvalorização de 27% nas cotações da banana-caturra em função do aumento na quantidade produzida devido à aceleração da maturação dos frutos ocasionada pelas temperaturas mais altas. Nos últimos dois meses de 2019, com o aumento na demanda pela fruta e melhoria na qualidade, houve valorização de 7% nos preços da banana-caturra. Entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020, a concorrência com outras frutas da época e a redução na demanda da banana-caturra com o recesso escolar, pressionaram a desvalorização nas cotações como forma de escoar a produção da fruta.

As cotações da banana-prata apresentaram desvalorizações de 13,6%, entre agosto e novembro de 2019, com problemas fitossanitários nas lavouras e baixa qualidade da fruta para o mercado. Entre dezembro 2019 e fevereiro de 2020, o aumento nas temperaturas e tratamentos culturais realizados determinaram melhoria na qualidade da fruta colhida, houve valorização de 48,5% nos preços da banana-prata catarinense. A expectativa é de pressão na demanda devido aos problemas ocasionados pelas medidas econômicas e sanitárias para conter a epidemia do coronavírus no estado e no país, o que pode reduzir a distribuição de hortifrutis nas centrais de comercialização e consequente aumento da oferta da fruta nas lavouras e distribuidores locais.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Fev. 20/Dez.19
	Ago. 2019	Nov. 2019	Dez. 2019	Fev. 2020	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,21	0,68	1,12	0,51	-54,5
Prata	0,95	0,71	0,85	1,38	62,4
Sul Catarinense					
Caturra	0,83	1,05	0,88	0,87	-1,1
Prata	1,15	1,12	0,95	1,25	31,6

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, em agosto, com o aumento sazonal da demanda e a baixa oferta da fruta, as cotações de ambas as variedades valorizaram. Na primeira quinzena de novembro, as temperaturas altas aceleraram a maturação do fruto e consequente aumento da oferta da banana-caturra, o que reduziu os preços da banana-caturra. A antecipação da colheita em novembro reduziu a disponibilidade de frutas e provocou a recuperação nas cotações em dezembro. Em fevereiro de 2020, as cotações desvalorizaram devido a alta oferta da variedade no início do ano. No Sul Catarinense, entre agosto e novembro houve valorização nas cotações da banana-prata devido ao aumento na demanda pela fruta e à oferta sazonal reduzida do meio do ano. Em 2020, no final de fevereiro a baixa oferta de outras regiões produtoras e a boa qualidade da banana-prata valorizaram a fruta catarinense.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Fev. 20/Dez.19
	Ago. 2019	Nov. 2019	Dez.2019	Fev. 2020	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,73	1,79	1,67	1,32	-21,0
Prata	1,67	1,61	1,67	2,22	32,9
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,86	1,31	1,61	1,20	-25,5
Prata	1,79	1,46	1,71	2,04	19,3
Sul Catarinense					
Caturra	1,38	1,56	1,55	1,46	-5,8
Prata	1,86	1,61	1,62	1,92	18,5

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

A estiagem em outras regiões do país, entre agosto e novembro, diminuiu a oferta da banana-caturra no atacado, com aumento de demanda pela fruta catarinense. Na praça de Jaraguá do Sul, com maior oferta da variedade, os preços foram desvalorizados para forçar o escoamento da produção. Nas praças do Sul Catarinense e de Florianópolis (Ceasa) houve valorização devido à redução na oferta relativa da variedade e aumento sazonal da demanda local. Nos dois primeiros meses de 2020, com o aumento na oferta da banana-caturra, o preço é desvalorizado para escoar a produção; enquanto a banana-prata mantém a valorização nos preços, devido a melhor qualidade da fruta em comparação a outras regiões do país e diminuição da oferta.

Em 2019, na Ceagesp, foram comercializadas 61,9 mil toneladas de banana, com redução de 3,0% no volume em relação a 2018. Desse volume, os três principais estados de origens foram: São Paulo, com 34,5 mil toneladas (55,8%); Minas Gerais, com 14,2 mil toneladas (22,9%), e Santa Catarina, com 5,3 mil toneladas

(8,7%). Em termos de valores, dos R\$ 149,3 milhões negociados na Ceagesp em 2019, São Paulo participou com 53,0%, Minas Gerais com 22,8% e Santa Catarina com 7,6% (R\$ 11,3 milhões). Nos dois primeiros meses de 2020, a banana catarinense comercializada responde por 8,1% do volume e 6,2% do valor negociado, mantendo uma média mensal de 400 toneladas.

Tabela 3. Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças do Brasil – 2020

Praça	Mês			Variação (%) Fev. 20/Nov. 19
	Ago. 2019	Nov. 2019	Fev. 2020	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,82	1,39	1,27	-8,6
Prata	1,55	1,31	2,54	93,9
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,81	1,37	1,10	-19,7
Prata	1,66	1,15	2,50	117,4
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	0,94	1,30	1,02	-21,5
Prata	1,04	1,16	1,95	68,1
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica	-	-	-	...
Prata	1,38	0,78	2,17	178,2

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras do Nordeste, houve valorização nas cotações da banana-prata com a melhoria na qualidade da fruta e aumento sazonal da demanda interna. No Sul e Sudeste, a banana-nanica têm suas cotações desvalorizadas em função do aumento da oferta nos bananais, redução relativa da demanda e problemas de escoamento da produção pelas fortes chuvas e alagamentos nos grandes centros distribuidores.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo de 2018 em relação à estimativa de 2019

Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	2018			Estimativa 2019			Variação (%) 2019/18		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. Médio
Blumenau	4.176	129.050	30.903	4.259	129.825	30.483	0,02	0,01	-0,01
Itajaí	3.882	113.312	29.189	3.882	113.991	29.364	0,00	0,01	0,01
Joinville	12.044	354.005	29.393	12.285	356.129	28.989	0,02	0,01	-0,01
Araranguá	5.426	80.510	14.838	5.535	82.349	14.878	0,02	0,02	0,00
Criciúma	1.346	23.734	17.633	1.346	25.085	18.637	0,00	0,06	0,06
Tubarão	76	690	9.079	76	688	9.053	0,00	0,00	0,00
Outras	992	18.496	18.645	992	18.459	18.608	0,00	0,00	0,00
Total	27.942	719.797	25.760	28.375	726.526	25.604	0,02	0,01	-0,01

Fonte: Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O preço do arroz em casca ao produtor apresentou comportamento crescente na primeira quinzena de fevereiro. No entanto, com a entrada do grão colhido nas últimas semanas, os preços começaram a decrescer no estado, conforme esperado pelo comportamento sazonal dos preços no estado. O avanço da colheita da safra 2019/20 mantém a expectativa de que a estiagem prejudique a safra corrente no Rio Grande do Sul e, embora não tenha afetado a safra catarinense, a forte influência do mercado gaúcho tem mantido os preços em patamares mais elevados, em termos reais, em comparação à última safra. Em fevereiro de 2020, os preços médios reais ao produtor em Santa Catarina fecharam em R\$ 47,60 e no Rio Grande do Sul em R\$ 50,52, o que representa uma variação positiva de aproximadamente 4% e 2% em relação à janeiro, respectivamente. Na primeira quinzena de março, os preços levantados nos dois estados apontavam para uma tendência de redução. Contudo, na terceira semana de março, o mercado começou a reagir frente a crise econômica e da saúde desencadeada pela Covid-19, elevando os preços. Até o momento, a média de Santa Catarina é R\$ 48,15 e do Rio Grande do Sul R\$ 49,30 (Figura 1). No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional, o excesso de chuvas entre setembro e outubro atrasou o plantio e a estiagem entre dezembro e janeiro deve afetar a produtividade daquele estado. Isso tem mantido os preços elevados naquele estado, influenciando os preços praticados em Santa Catarina. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, destaca-se que a safra 2018/19 resultou em produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior.

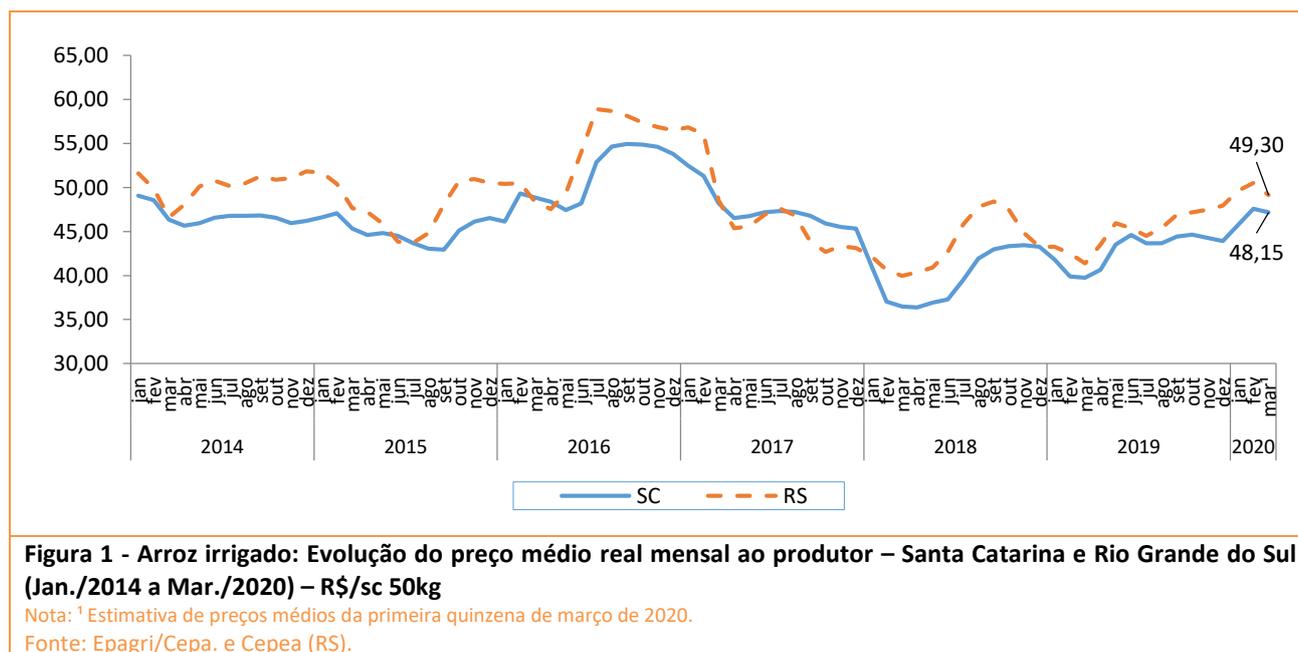


Figura 1 - Arroz irrigado: Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Mar./2020) – R\$/sc 50kg

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de março de 2020.

Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

Comparativo de safra

A safra 2018/19 encerrou apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de 2,51% em relação à safra 2017/18. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. As informações finais resultaram em uma área de 143,4 mil hectares, produção de 1,104 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare. A estimativa atual da safra 2019/20 aponta uma leve redução da área plantada, que deverá ser de 143,05 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19 em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, fechando em 8.009 kg/ha, cerca de 4,03% maior.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo safra 2018/19 e safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual - Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	400.180	7.766	0,00	4,31	4,31
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	72.300	8.748	0,52	0,17	-0,35
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	160.858	7.729	0,00	8,28	8,28
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,11	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,77
Ituporanga	190	1.772	9.326	185	1.573	8.500	-2,63	-11,26	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.768	85.921	8.796	-0,14	2,58	2,73
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,54	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.658	7.803	-1,62	1,74	3,42
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.145.724	8.009	-0,28	3,74	4,03

Fonte: Epagri/Cepa (Agosto/2019).

Comparativo de safra – Calendário Agrícola

No que diz respeito à evolução da safra em Santa Catarina, até a primeira semana de março, 61% da área plantada já havia sido colhida. Embora o plantio tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem que atingiu o estado entre agosto e outubro, o andamento da safra foi normal. Da área que ainda está para ser colhida, aproximadamente 31% encontra-se em estágio de floração e 69% em maturação. A colheita deve seguir até meados de maio. A região em que a colheita está mais avançada é o Litoral Norte, que planta mais cedo para viabilizar a colheita da soca. A expectativa é de safra com produtividade média alta no litoral Sul, se comparada com as últimas safras. No litoral Norte, contudo, a colheita da soca não tem apresentado bom rendimento.

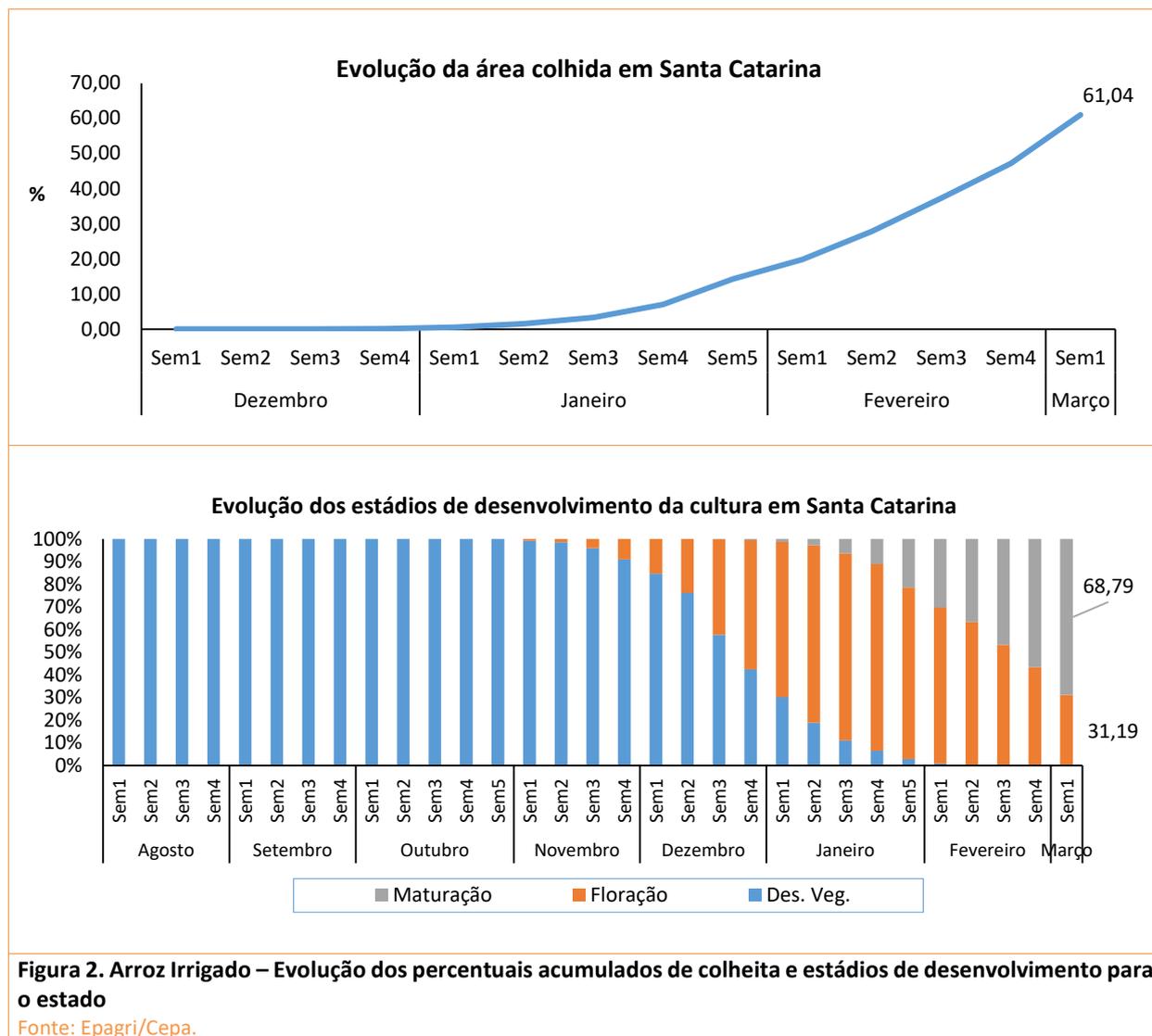


Figura 2. Arroz Irrigado – Evolução dos percentuais acumulados de colheita e estádios de desenvolvimento para o estado

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa
joaoolves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de fevereiro os preços de feijão apresentaram modesta alta. No mercado catarinense, a saca de 60 quilos do feijão-carioca pago ao produtor, passou de R\$136,63 em janeiro, para R\$137,46 em fevereiro, alta de 0,6%. No estado do Paraná, os preços se comportaram diferente dos demais estado analisados, onde observamos uma redução de 5,5% no valor da saca de 60 quilos de feijão-carioca pago ao produtor.

Desde o início da crise ocasionada pelo coronavírus, os preços dos alimentos de maneira geral subiram significativamente. A corrida da população aos supermercados em busca de produtos alimentícios, dentre eles o feijão, pode provocar desabastecimento momentâneo do mercado atacadista e varejista, provocando um aumento nos preços pagos ao produtor. Neste mês de março, o preço médio estadual considerando as três primeiras semanas do mês, está em R\$150,44 para a saca do feijão-carioca e R\$134,26 para o feijão-preto. Com o agravamento da crise do coronavírus e o problema da estiagem que compromete a segunda safra catarinense de feijão, as cotações futuras da saca de feijão poderá acumular altas ainda maiores.

Tabela 1: Feijão – evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2019/2020 (R\$/60 kg)

Estado	Tipo	Fev./20	Jan./20	Variação mensal (%)	Fev./19	Variação (%) Fev/20 – Fev./19
Santa Catarina	Feijão-carioca	137,46	136,63	0,61	239,63	-42,64
Paraná		174,45	184,65	-5,52	313,66	-44,38
Mato Grosso do Sul		199,40	175,40	13,68	382,87	-47,92
Bahia		179,38	170,22	5,38	352,75	-49,15
São Paulo		198,52	196,02	1,28	345,10	-42,47
Goiás		199,23	185,71	7,28	331,24	-39,85
Santa Catarina	Feijão-preto	128,96	127,57	1,09	170,47	-24,35
Paraná		127,32	126,75	0,45	192,03	-33,70
Rio Grande do Sul		138,62	140,70	-1,48	200,87	-30,99

Fonte: Epaagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO, MS). Fevereiro, 2020

Historicamente, os preços médios da saca de feijão normalmente sobem nessa época do ano. É possível observar no gráfico que no período de janeiro até meados de março, quando a maioria do feijão de primeira safra já foi colhido e comercializado, e o feijão de segunda safra ainda está se desenvolvendo à campo, esse comportamento tende a se repetir a cada ano. Ressalva deve ser feita de que, eventos climáticos como estiagem prolongada e/ou excesso de chuvas, podem alterar significativamente esse comportamento dos preços nessa época do ano.

Devemos considerar ainda que a safra brasileira de feijão é composta por três safras. Muitas vezes a ausência e/ou escassez de um determinado tipo de feijão numa região do país pode ser suprida por outra região com safra normal, fazendo com os preços pagos aos produtores não seja alterado. Contudo, nesse momento em que a segunda safra catarinense está à campo, assim como nos demais estados da Região Sul, a falta de chuvas tem prejudicado severamente as lavouras de feijão, aspecto que certamente influenciará nos preços pagos aos produtores.

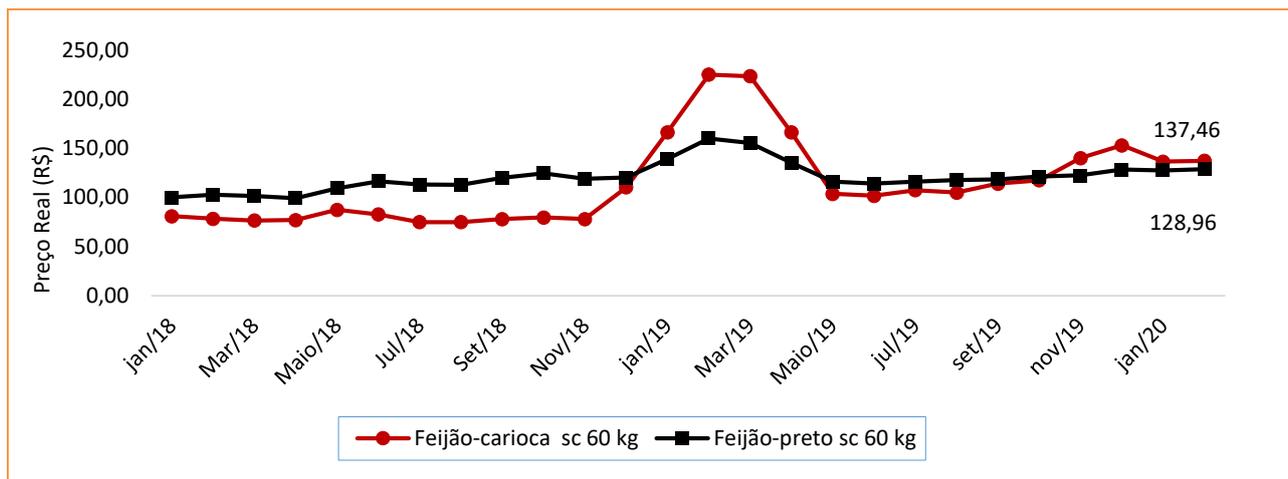


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – jan./2018 a fev./2020

Fonte: Epagri/Cepa.

Segundo a BCSP (Bolsa de Cereais do Estado de São Paulo), no dia 20/03/2020 a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializada a R\$290,00, enquanto que no dia 20/02/2020 foi cotado em R\$225,00, variação positiva de 29%. No mesmo período, para o feijão preto extra, a cotação da saca de 60 kg era de R\$200,00, contra R\$165,00 no mês anterior, alta de 21%.

O cenário para o mercado atacadista é de que deverá ocorrer novas altas nas cotações da saca de feijão. Os fatores que contribuem para isso são: mercado desabastecido momentaneamente pelo aumento nas vendas do varejo em função da pandemia do coronavírus; atacadistas e corretoras desabastecidas em função da operação “quem viver verá” que combate a sonegação fiscal de empresas que comercializam feijão; clima adverso com estiagem na Região Sul do país e possibilidade de geadas precoce.

Tabela 2: Feijão – preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	20/03/2020	20/02/2020	Varição (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,0)	290,00	225,00	28,9	Nominal
Feijão Carioca Especial (8,5)	275,00	205,00	34,1	Nominal
Feijão Carioca Comercial (8,0)	265,00	190,00	39,5	Nominal
Feijão Preto Extra	200,00	165,00	21,2	Nominal

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP

⁽²⁾ comportamento do mercado em 20/03/2020

Nota 1: nominal - mercado com preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP). Março, 2020.

Safra

Feijão 1ª safra: na região de Campos de Lages, a colheita se encaminha para o final, com cerca de 50% da área colhida. Já na região de Curitiba, aproximadamente 40% da área destinada a essa lavoura foi colhida. A última boa precipitação nessas duas regiões foi dia 26/02, é mais de 25 dias sem chuvas e de forte calor, e com isso a situação se agrava a cada dia. Caso não chova nos próximos dias a situação tende a se agravar. As lavouras que estão sendo colhidas apresentam rendimento entre 1800 a 2100 kg/ha. A expectativa é que este rendimento vá diminuindo a cada semana, com ressalva naqueles casos em que a lavoura foi contemplada com uma chuva localizada. No restante do estado a safra de feijão primeira já tinha sido colhida antes da ocorrência da estiagem.

Feijão 2ª safra: nas regiões produtoras dessa segunda safra, temos 100% das lavouras já plantadas. Dessas, 94% encontra-se em fase de desenvolvimento vegetativo, e apenas 13,6% avançaram para a fase de florescimento. A estiagem que assola todo estado tem provocado efeitos bastante negativos para a maioria das lavouras, exceto em regiões onde ocorreram chuvas localizadas. As operações mecânicas como os tratamentos

culturais (adubações e pulverizações) fundamentais para o bom desenvolvimento das plantas estão suspensas pela falta de umidade no solo. Nas áreas que avançam um pouco mais na fase de floração, se observa abortamento floral, o que certamente vai impactar na produtividade dessas lavouras.

Segundo dados do Epagri/Ciram, o mês de março deverá chegar ao seu final com chuva abaixo da média em toda Santa Catarina. Até o momento, no Oeste e parte do Meio-Oeste do Estado, os baixos volumes de chuva resultaram em anomalias negativas entre -100 mm e -150 mm. Uma massa de ar seco e quente predominou em SC nos últimos dias, inibindo a formação de chuva e ocasionando umidade do ar muito baixa com temperatura elevada. Essa condição de tempo segue nos próximos dias. Há um indicativo de mudança do tempo no início de abril, quando a passagem de uma frente fria pode trazer chuva mais significativa para SC.

Tabela 3: Feijão 1ª – comparativo de safra 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019			Estimativa Atual Safra 2019/2020			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	74	73	982	54	50	926	-27	-31	-6
Blumenau	92	104	1.130	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.730	12.444	1.610	-1	-18	-17
Canoinhas	5.550	9.299	1.675	6.200	14.002	2.258	12	51	35
Chapecó	2.061	3.535	1.715	1.965	4.019	2.045	-5	14	19
Concórdia	420	657	1.564	381	587	1.541	-9	-11	-2
Criciúma	533	628	1.178	675	778	1.153	27	24	-2
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	8.472	1.772	-11	-18	-8
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	980	1.927	1.966	1.010	1.640	1.624	3	-15	-17
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	3.809	1.608	-2	16	19
Joinville	22	22	1.000	-	-	-	-	-	-
Rio do Sul	603	961	1.593	596	965	1.618	-1	0	2
São Bento do Sul	680	966	1.421	600	1.140	1.900	-12	18	34
São M. do Oeste	1.199	2.303	1.921	825	1.669	2.023	-31	-28	5
Tabuleiro	463	812	1.754	376	475	1.264	-19	-41	-28
Tijucas	170	199	1.171	166	178	1.069	-2	-11	-9
Tubarão	973	1.305	1.342	773	963	1.246	-21	-26	-7
Xanxerê	5.868	11.125	1.896	6.434	13.127	2.040	10	18	8
Santa Catarina	35.326	62.728	1.776	34.946	64.323	1.841	-1	3	4

Fonte: Epagri/Cepa. Fevereiro, 2020.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em fevereiro, o preço médio mensal do milho em Santa Catarina foi de R\$43,17/sc de 60kg, superior em 6,4% ao mês anterior e 18,7% em relação a fevereiro de 2019 (Figura 1). Desde setembro de 2019 os preços no estado acumulam alta superior a 30%. No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná os preços foram, em média, 4,6% superiores a janeiro. Os fatores que influenciaram os preços no período são:

- Redução significativa dos estoques finais, que em fevereiro eram de 8,03 milhões de toneladas, menor quantidade desde a safra de 2013/14¹ (Conab, fev. 2020). As exportações recordes brasileiras em 2019 de 43 milhões de toneladas² levaram a esta condição atual;
- A demanda interna pelo cereal foi maior em 2019, em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China, o que deve se consolidar em 2020;
- O dólar próximo de R\$5,00 na primeira quinzena de março é um dos principais fatores dos preços em alta no período, tendo em vista que o câmbio tem favorecido negociações futuras;
- O mercado está atento ao clima, em especial na região Centro-Oeste.;
- **Em março**, os preços seguem firmes no estado, oscilando de R\$43,50 no início do mês a R\$45,00/sc em 20/03 (Epagri, Cepa,2020).
- As cotações do milho no **mercado internacional** em Chicago/CBOT/Chicago registraram desvalorização nos contratos entre 16 a 23 de março deste ano. Os vencimentos de maio/20, julho/20 e setembro/20 encerram o período cotados em US\$ 3,44, US\$ 3,50 e US\$ 3,55 por bushel, desvalorização de 3,17%, 2,51% e 1,59%, respectivamente. Em contraste com os preços no mercado interno que continuam fortalecidos.
- O mercado de grãos segue com incertezas do quanto a pandemia do coronavírus irá impactar na redução do ritmo da atividade econômica mundial.

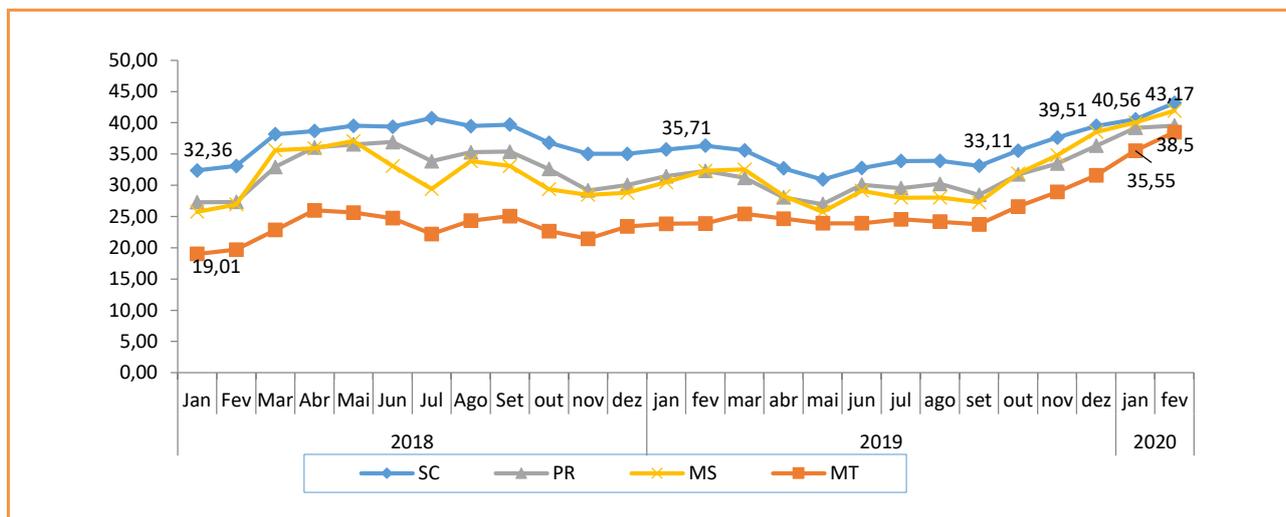


Figura 1. Milho – SC, PR e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg), praça referência Chapecó, de 2017 a fevereiro de 2020 – (atualizados IGP-DI)

Fonte: Deral-PR, Agrolink.

¹ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.6 - Sexto levantamento, março 2020.

² <http://comexstat.mdic.gov.br>

Os preços médios pagos ao produtor nos meses de janeiro e fevereiro desde 2014 a 2020 (nominal e corrigido pelo IGP-DI³) estão apresentados na Tabela 2. Em fevereiro de 2020 apresentou o maior preço nominal da série, de R\$43,17/sc. Em valores corrigidos pelo IGP-DI, fevereiro de 2016 registrou o maior preço e, fevereiro de 2020 o segundo maior. A produção brasileira de milho foi de 66,5 e 100,04 milhões de toneladas, nas safras 2015/16 e 2018/19, a menor e a maior do período, respectivamente (CONAB,2020). Portanto, cenário distinto entre as duas safras. Em 2016, os preços foram impulsionados pela oferta reduzida, enquanto no início de 2020, mesmo com a boa safra anterior, os preços estão fortalecidos. As exportações recordes em 2019 e o crescimento da demanda interna levaram a forte redução dos estoques e menor oferta do produto no mercado interno.

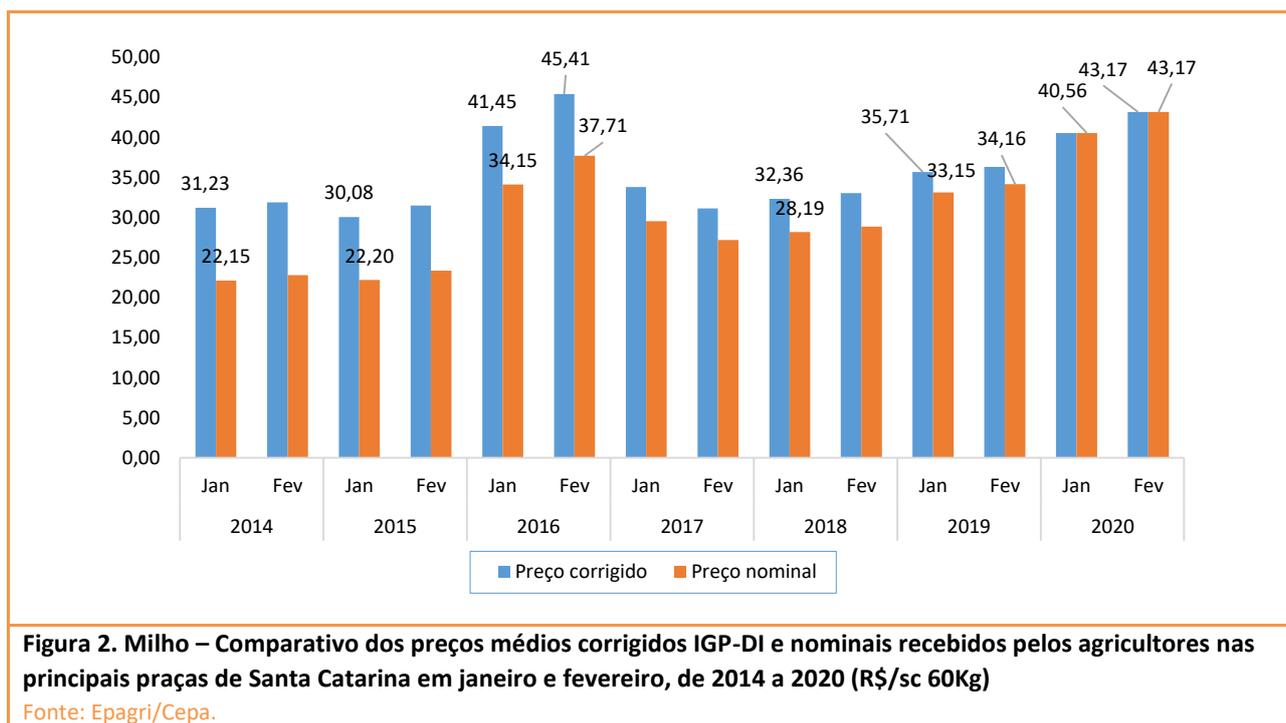


Figura 2. Milho – Comparativo dos preços médios corrigidos IGP-DI e nominais recebidos pelos agricultores nas principais praças de Santa Catarina em janeiro e fevereiro, de 2014 a 2020 (R\$/sc 60Kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra 2019/20

A última estimativa de fevereiro para safra 2019/20 prevê uma área cultivada de 324.276 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 12.454 hectares na segunda safra. A produtividade aponta recuo de 6,7% em relação à safra anterior e de 8,3% na produção total. A expectativa é que a produção do estado seja de 2,56 milhões de toneladas (primeira safra). Nesta atualização, já estão estimadas as perdas em função da estiagem de janeiro e fevereiro. As regiões que apresentam, até o momento, maior estimativa de redução na produtividade foram Curitibanos (-24,8%) e Campos de Lages (-26,2%), pois foram as mais afetadas pela irregularidade das chuvas. Além disto, o forte calor na região tem potencializado as perdas. O clima é de apreensão por parte do agronegócio. Há tendência de as perdas aumentarem devido a situação climática até dia 25 de março com poucas chuvas registradas nestas regiões. Independentemente disso, a colheita segue evoluindo nestas regiões, favorecida pelo clima seco até o período (25 de março).

³ O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), do Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE).

- A produtividade tem apresentado variação de 9.000 a 14.900kg/ha na região de Curitiba/Campos Novos na primeira semana de março. A média estimada, com 15% da área colhida, é de 9.900 kg/ha até o momento (início de março).
- A região de São Miguel do Oeste apresentou redução na produção total em função de ajustes nas áreas de cultivo (Tabela 1).
- As regiões de Chapecó e Xanxerê não registraram quedas significativas em função da estiagem. Xanxerê/Abelardo Luz mantiveram boas produtividades (10,8 t/ha);
- Quanto a produção total do estado, até o momento a estimativa é de uma redução de cerca de 230 mil toneladas em relação à safra anterior. Os valores das perdas poderão se elevar em função da continuidade da estiagem na primeira quinzena de março, em especial no planalto sul catarinense.

Tabela 1. Milho: Santa Catarina – Comparativo safra 2018/2019 com a estimativa atual da safra 2019/ 2020

Microrregião	Safra 2018/19			Safra 2019/20 (fevereiro)			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	7.734	52.476	6.785	7.724	50.033	6.478	-0,1	-4,7	-4,5
Blumenau	1.911	8.761	4.585	1.890	8.785	4.648	-1,1	0,3	1,4
Campos de Lages	32.300	258.140	7.992	32.600	192.330	5.900	0,9	-25,5	-26,2
Canoinhas	29.300	254.032	8.670	29.900	264.570	8.848	2,0	4,1	2,1
Chapecó	46.291	395.220	8.538	44.160	382.573	8.663	-4,6	-3,2	1,5
Concórdia	23.650	174.831	7.392	22.750	165.162	7.260	-3,8	-5,5	-1,8
Criciúma	6.674	46.124	6.911	7.060	46.918	6.646	5,8	1,7	-3,8
Curitibanos	24.335	258.392	10.618	26.065	208.201	7.988	7,1	-19,4	-24,8
Florianópolis	93	434	4.667	11	35	3.182	-88,2	-91,9	-31,8
Ituporanga	10.980	77.766	7.083	10.960	69.828	6.371	-0,2	-10,2	-10,0
Joaçaba	57.425	527.732	9.190	57.895	486.054	8.395	0,8	-7,9	-8,6
Joinville	410	2.057	5.016	460	2.479	5.389	12,2	20,5	7,4
Rio do Sul	20.165	138.239	6.855	19.320	124.364	6.437	-4,2	-10,0	-6,1
São Bento do Sul	4.100	32.650	7.963	3.600	29.550	8.208	-12,2	-9,5	3,1
São Miguel do Oeste	31.853	255.744	8.029	28.214	233.327	8.270	-11,4	-8,8	3,0
Tabuleiro	2.975	16.972	5.705	2.381	12.886	5.412	-20,0	-24,1	-5,1
Tijucas	1.735	9.100	5.245	1.680	7.580	4.512	-3,2	-16,7	-14,0
Tubarão	5.065	31.705	6.260	4.976	30.595	6.148	-1,8	-3,5	-1,8
Xanxerê	22.990	251.372	10.934	22.630	244.702	10.813	-1,6	-2,7	-1,1
Santa Catarina	329.986	2.791.747	8.460	324.276	2.559.972	7.894	-1,7	-8,3	-6,7

Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita da atual safra está finalizando nas Microrregiões do Oeste (Chapecó, Concórdia e Xanxerê), que registram colheitas próximas de 100%, mais adiantada em relação a 2019. Nas demais regiões, o ritmo de colheita também está avançado em relação a 2019. Em Curitiba/Campos Novos cerca de 35% da área cultivada foi colhida (até 10 de março). Os trabalhos de colheita seguem mais rápido em função da estiagem, com tempo favorável para a atividade.

Milho safrinha e Silagem – Nas regiões de São Miguel do Oeste, Vale do Rio Uruguai (Palmitos, Itapiranga) lavouras em fases variadas, desde V6 até R1 (enchimento de grãos), estas já sofrem impacto da estiagem. Alguns municípios já reportam perdas em torno de 15-25% até o momento para estas culturas (20 de março). Em Chapecó a situação é semelhante, com baixas níveis de chuvas no período. No próximo relatório será detalhado as situações regionais.

Produção nacional⁴

Milho primeira safra: influenciado pelas boas cotações do cereal, houve crescimento de 3,2% na área semeada, totalizando 4,23 milhões de hectares, com produção estimada em 25,6 milhões de toneladas, 0,3% superior a 2018/19.

Com relação à segunda safra, a semeadura iniciada em janeiro vem acontecendo de acordo com o avanço da colheita da soja. A área apresenta crescimento de 2,1%, tendo em vista a sua rentabilidade atual e as condições climáticas favoráveis. É estimada uma produção total de milho primeira e segunda safras de 100,1 milhões de toneladas, 0,3% acima da safra passada,

Estoques

A CONAB atualizou os estoques no último relatório, passando de 10,3 milhões de toneladas em dezembro de 2019 para 8,4 milhões de toneladas em fevereiro de 2020, nova redução em março para 8,03 milhões de toneladas. No cenário atual, isso representa os menores estoques desde a safra 2013/2014, fator que fundamenta os preços internos do milho, que tendem a continuar firmes e em patamares elevados.

⁴ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.6 - Sexto levantamento, março 2020

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram um pequeno recuo em fevereiro, de 0,34% inferior ao mês anterior e, frente ao mesmo mês da safra passada (fevereiro de 2019), registrou alta de 5,32%. No Paraná e Rio Grande do Sul o comportamento foi semelhante. No Mato Grosso teve um queda mais acentuada -3,8%, em função do plena colheita naquele estado. Os fatores que influenciaram os preços em fevereiro e início de março foram:

- O dólar em elevação, superando os R\$ 5,00 na segunda quinzena de março 2020, garantiu sustentação dos preços no mercado interno;
- O surto do coronavírus na China impacta o mercado internacional, refletindo nos preços das commodities em 2020. A preocupação do mercado é quanto tempo se levará para estabilizar e controlar da expansão da doença;

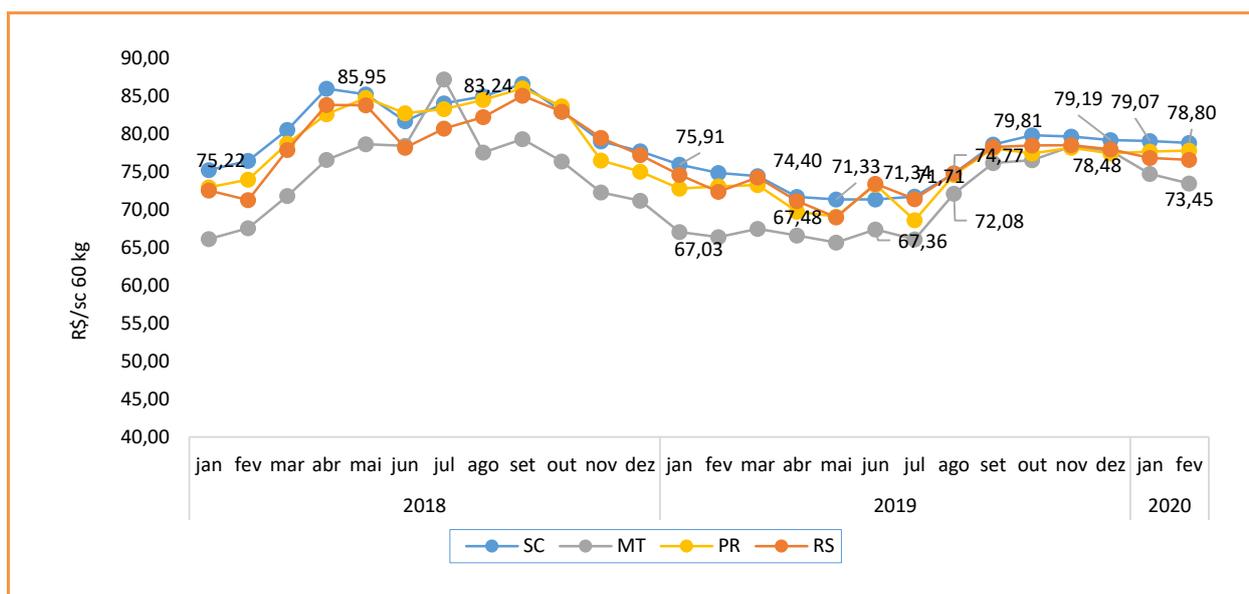


Figura 1. Soja em grão: preço médio mensal ao produtor – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina – janeiro/2018 a fevereiro/2020

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Apesar de apresentar um pequeno recuo dos preços médios mensais, entre janeiro e fevereiro, os preços diários entre fevereiro (dia 03) a março (dia 20), reagiram impulsionados pela cotação do dólar no período (Figura 2). As **cotações externas** (CBOT) foram muito mais atingidas pela incerteza global causada pelo Covid-19, que pressionou as cotações de todas as commodities de forma generalizada, entretanto, as cotações no mercado interno permanecem sustentadas devido às contínuas valorizações da moeda americana. A recuperação da China e reação das exportações brasileiras em março também está sendo um fator que contribuiu na fortalecimento dos preços no período mais recente (segunda quinzena de março).

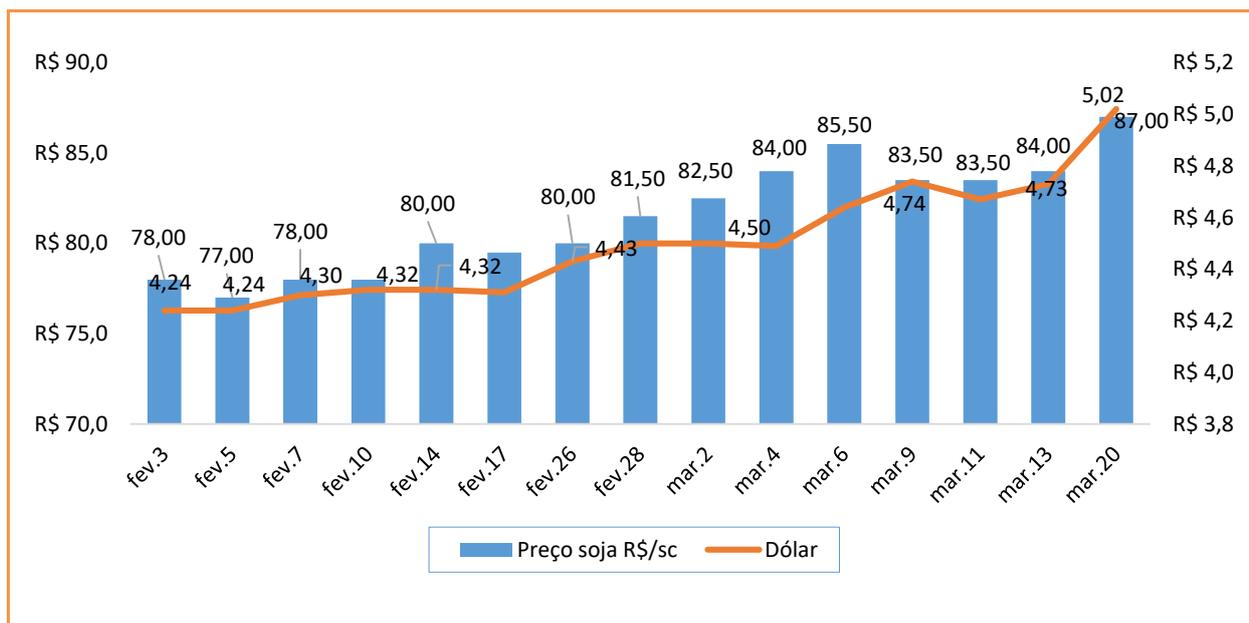


Figura 2. Soja – Preço médio diário ao produtor R\$/sc (praça Chapecó) e cotação do dólar (R\$) – 3 de fevereiro a 20 de março 2020

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Acompanhamento da SAFRA 2019/20

A estimativa atual para a safra 2019/20 apresenta um aumento da área em 2,33% em relação ao período 2018/19. Assim, o prognóstico da área cultivada é de 685.980 hectares contra 670.330 hectares da safra 2018/19. As regiões que apresentam aumento de área são: Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga, Rio do Sul e Campos de Lages. A produção total esperada é de 2,38 milhões de toneladas, 2,3% superior à safra anterior. As chuvas irregulares nas regiões de Curitiba/Campos Novos e Campos de Lages devem impactar no rendimento, que registram neste relatório 11,5% e 12,7% de redução na produtividade respectivamente (Tabela 1). Relatos de alguns agricultores que iniciaram colheita, que esperavam colher cerca de 70 sc/ha, no entanto, o rendimento está sendo de 55 sc/ha. São números iniciais de colheita nestas regiões. Os números atuais não são definitivos, a continuar a estiagem nestas regiões os números relativos das perdas poderão sofrer atualização. Mesmo com a atual estimativa que registra redução de 1,23% do rendimento, a produção total no estado levantada no atual relatório aponta um aumento de 1,08% em função do aumento da área cultivada de 2,3%.

Safra 2019/20:

Brasil: a cultura manteve a tendência de crescimento na área cultivada e, nesta safra, a estimativa aponta para acréscimo na produção de 8% em relação ao ciclo passado, produzindo 124,2 milhões de toneladas⁵.

Estados Unidos: Em seu 11º levantamento da safra mundial de soja 2019/20, o USDA prevê uma produção de 341,8 milhões de toneladas, recuo de 16,9 milhões de toneladas ou 4,7% em relação à safra 2018/19.

⁵ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.6 - Sexto levantamento, março 2020.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Mercado aquecido favorece a comercialização da safra catarinense de alho

A renovação da tarifa *antidumping* em 2019, a boa safra 2019/20 e o mercado aquecido deixam os produtores de alho satisfeitos.

Os produtores catarinenses de alho estão satisfeitos com os resultados da safra que está sendo comercializada.

Após duas safras consecutivas de resultados frustrantes, a safra 2019/20 está contribuindo para recuperar parte das perdas anteriores.

Vários fatores contribuíram para esta conjuntura favorável, como a renovação da taxa *antidumping* sobre as importações do produto chinês, ato do Governo Federal através da Portaria nº 4.593/2019, de 03 de outubro de 2019, e especialmente a redução da oferta do produto no mercado internacional.

A tarifa *antidumping*, salvaguarda comercial, é aplicada pelo Brasil desde 1996, com o objetivo de proteger a alhicultura brasileira da concorrência desleal. Em face da já comprovada prática de *dumping* pela China, o Brasil taxa o alho chinês importado em US\$0,78/kg.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado, no final de janeiro, a R\$15,09/kg, alcançando R\$16,29/kg no início de fevereiro. No início de março, essa categoria de alhos foi comercializada por até R\$17,87/kg. O alho classe 6, no mesmo período, foi de R\$18,99/kg para R\$19,87/kg, e o alho classe 7 iniciou março a R\$22,50/Kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no atacado o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em janeiro a R\$12,00/kg, fechou o mês de fevereiro a R\$14,50/kg, aumento de 20,83%

O alho classes 6 e 7 fechou o mês de janeiro a R\$14,00/kg, passando para R\$16,50/Kg no início de fevereiro, fechando o mês a R\$17,00/Kg, aumento de 21,14% em relação ao final de janeiro.

O levantamento de campo da Epagri/Cepa indica que os produtores catarinenses estão recebendo de R\$6,50/kg a R\$7,00/Kg acima da classe, pelo alho toaletado. Isto significa que o alho classe 3 está sendo comercializado entre R\$9,50/Kg e R\$10,00/Kg e assim por diante, sendo o alho classe 7 comercializado a R\$17,00/kg.

Produção

A safra catarinense de alho já foi toda colhida, sendo preparada para comercialização, que ultrapassa os 60% da produção. Embora a qualidade comercial da safra não tenha correspondido totalmente às expectativas de boa parte dos produtores, as condições favoráveis do mercado estão compensando as pequenas perdas decorrentes da presença de bulbos de menor calibre.

Com relação à safra 2019/20 em Santa Catarina, a Epagri/Cepa concluiu o fechamento dos dados no mês de fevereiro, com a área colhida ficando em 1.831 hectares e produção total de 18.892 toneladas, com produtividade média de 10,31 toneladas por hectare. Considerando que na safra 2018/19 o rendimento médio foi de 7,3 toneladas por hectare, o aumento na produtividade foi de 41,23%.

Comércio exterior

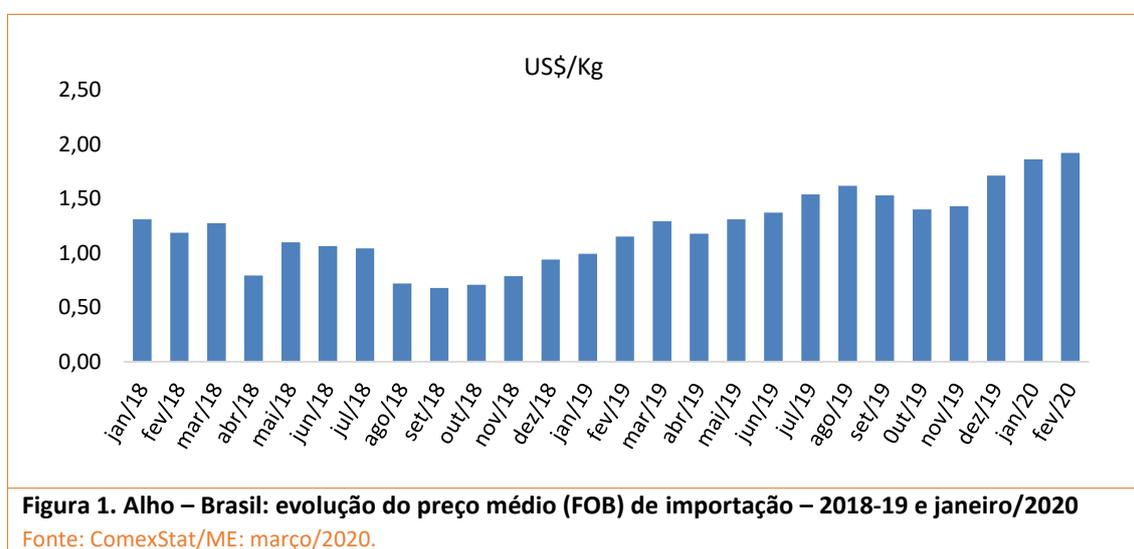
Em fevereiro, a Argentina foi a maior fornecedora de alho para o Brasil, como também ocorreu em janeiro, em decorrência da comercialização da nova safra naquele país, seguida pela China e Chile. Nos dois primeiros meses deste ano, o Brasil importou 35,5 mil toneladas de alho, volume semelhante ao importado nos mesmos meses do ano passado (Tabela 1)

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2019 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	15,07	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	35,500

Fonte: Comexstat/ME - fevereiro/2020.

O preço médio do alho importado (FOB), que desde novembro interrompeu a queda que vinha ocorrendo, manteve a recuperação em fevereiro, atingindo o maior valor desde janeiro de 2018 (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$), considerando os períodos de julho a dezembro de 2017, 2018, 2019, janeiro e fevereiro de 2020.

Como pode ser observado, em janeiro deste ano tivemos o maior volume de importação para o mês desde 2017, com a importação de 20,43 mil toneladas, a um custo de US\$38,01 milhões. Em fevereiro, o volume importado baixou para 15,07 mil toneladas, com desembolso de US\$29,02 milhões.

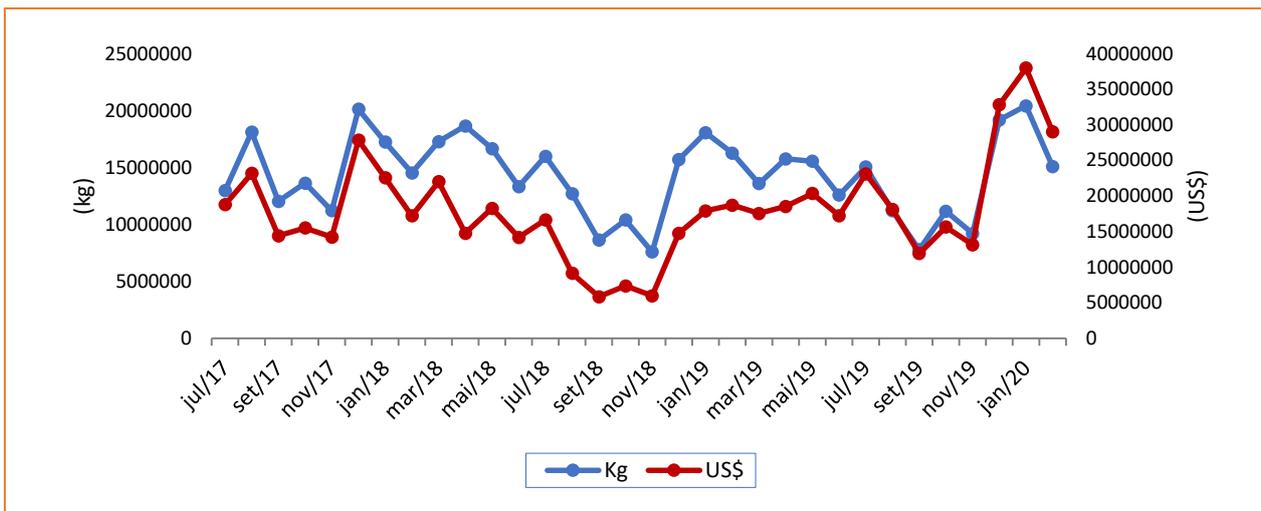


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: jul a dez de 2017-19 – jan. e fev./2020

Fonte: ComexStat/ME: março/2019.

Em fevereiro de 2019 o principal fornecedor foi a Argentina, com 12,63 mil toneladas, representando 83,80% do total importado. A China forneceu 1,60 mil toneladas, ou 10,61%, enquanto que Chile, Espanha, Egito e Peru contribuíram com apenas 5,59% do volume, significando 0,84mil toneladas do total importado.

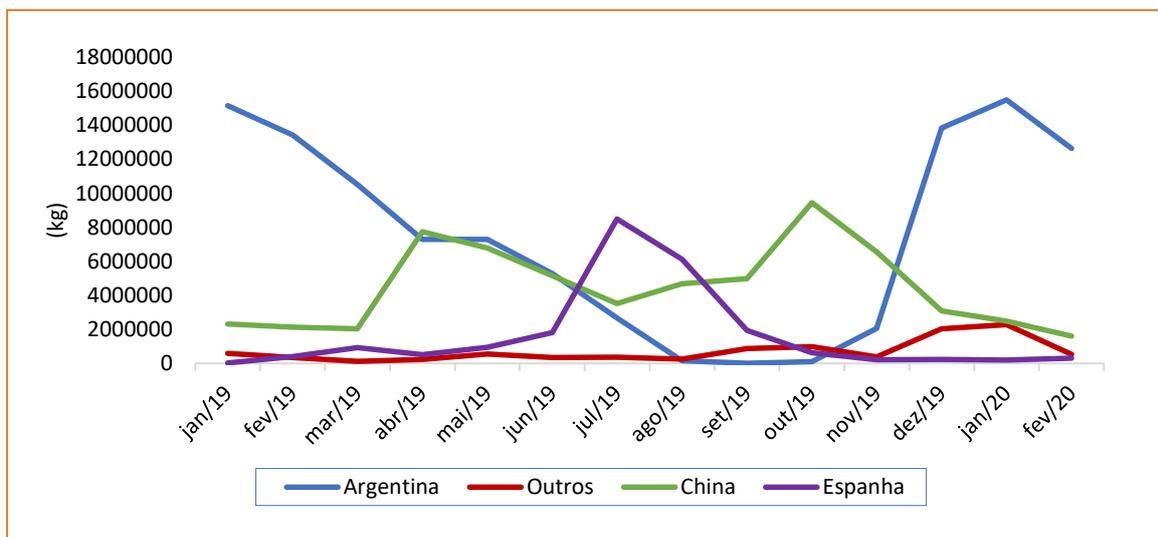


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 – jan. e fev. 2020

Fonte: Comexstat/ME: março/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A produção sulista continua sendo a principal fornecedora de cebola para o mercado nacional neste período, em função da menor oferta de produção pela Região Nordeste, devido ao final da colheita. Também contribuiu para isso a ocorrência de chuvas intensas naquela região nas últimas semanas, com redução no ritmo da colheita, baixando a oferta regional e, por consequência, favorecendo o escoamento da produção do Sul.

O escoamento da safra catarinense segue em ritmo normal. O volume comercializado até o momento se aproxima de 65%, de uma estimativa de pouco mais de 520 mil toneladas, segundo a Epagri/Cepa.

Preço

A safra catarinense de cebola 2019/20 teve sua comercialização aberta a R\$0,68/kg, baixando para R\$0,60/kg no início de janeiro, ficando bem abaixo da estimativa de custo de produção médio para o estado, que é de R\$0,80/kg a R\$1,00/kg, dependendo da produtividade e da gestão de custos do produtor.

Durante o mês de fevereiro, os preços se mantiveram estáveis, porém ainda em patamares abaixo do custo médio de produção. O mês de março iniciou com melhoria geral nos preços pagos aos produtores, puxada pela conjuntura da região Nordeste.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, na semana de 09 a 13/03 os produtores do Alto Vale do Itajaí estão recebendo de R\$1,20/kg para a crioula até R\$1,50/kg para a Vale Sul e crioula. Vale ressaltar que a Vale Sul, cultivar precoce lançado pela Epagri, está sendo um sucesso comercial nesta safra, tendendo a ter significativa ampliação de participação na área plantada na próxima safra em Santa Catarina.

Na Ceagesp/SP, o bulbo foi comercializado na primeira semana de fevereiro a R\$1,75/kg, mas já sinalizando com alguma recuperação dos preços em relação ao início de janeiro, que foi de R\$1,61/kg, aumento de 8% no período. Porém, essa reação não se sustentou, voltando a ocorrer redução de preços na segunda quinzena do mês, atingindo seu menor valor em 20/02/2020, quando chegou a R\$1,59/kg. No mês de março, o preço da cebola no atacado está se mantendo em patamares mais elevados, atingindo R\$1,97/kg no dia 06/03/20, aumento de 19,29 % em relação ao início da segunda quinzena de fevereiro.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), em fevereiro os preços continuaram a refletir a grande oferta do produto no mercado catarinense e sul brasileiro. Desta forma, os preços se mantiveram praticamente em todo o período próximos a R\$1,25/kg. No mês de março as cotações reagiram positivamente, puxadas pela demanda nordestina, atingindo R\$1,65/kg no dia 10/03.

Safra catarinense

A Epagri/Cepa fechou os números da safra de cebola 2019/20, indicando que o estado produziu 523,9 mil toneladas da hortaliça, em 17.956 hectares colhidos, alcançando uma produtividade média de 29,17 toneladas por hectare.

Em relação ao retorno econômico dos produtores, cabe ressaltar que aqueles que administraram a comercialização escalonadamente devem conseguir melhores resultados, em função da reação positiva dos

preços no início deste mês. Como ainda há aproximadamente 35% da produção para ser comercializado, este montante poderá contribuir para um melhor equilíbrio econômico àqueles que distribuíram a comercialização no tempo.

Comércio exterior

Em fevereiro foram importadas apenas 218,9 toneladas de cebola, provenientes do Chile, da Espanha e da Argentina (Figura 1), com valor total desembolsado de US\$128,42 mil.

Em fevereiro, o preço médio (FOB) foi de US\$0,59/kg, enquanto em janeiro foi de US\$0,711/kg, redução de 17,02 %.

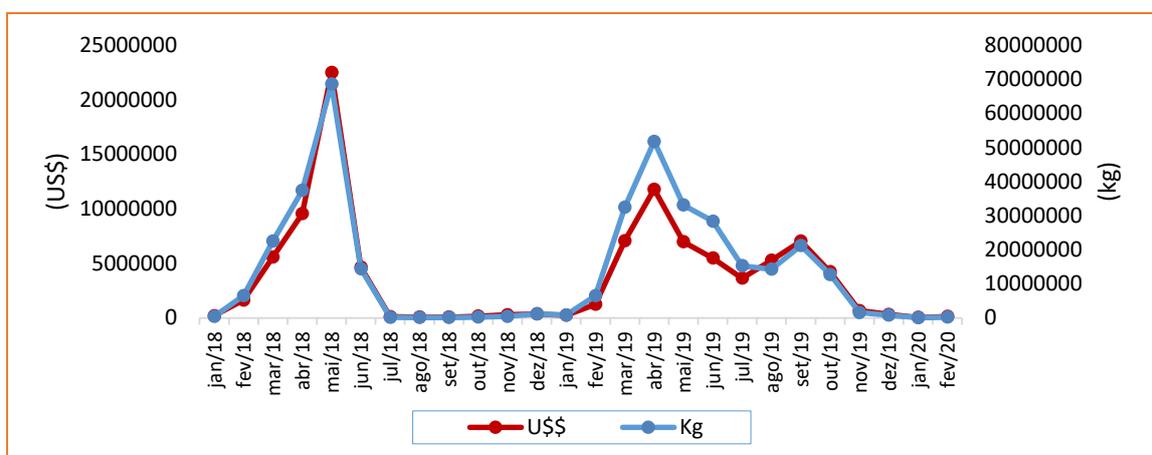


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2019 e janeiro 2020

Fonte: Comexstat/ME – março/2020.

Segundo dados do Siscomex/ME, a importação de cebola pelo Brasil em 2019 foi de 211,52 mil toneladas, a um custo total de US\$52,47 milhões e médio de US\$0,25/kg, com volume médio mensal de 17,62 mil toneladas.

O principal fornecedor para o Brasil foi a Argentina, com 150,52 mil toneladas, ou 73,37% do total, seguida pela Holanda, com 33,96 mil toneladas, 16,05%, e Chile, com 11,73 mil toneladas, ou 5,54% do total.

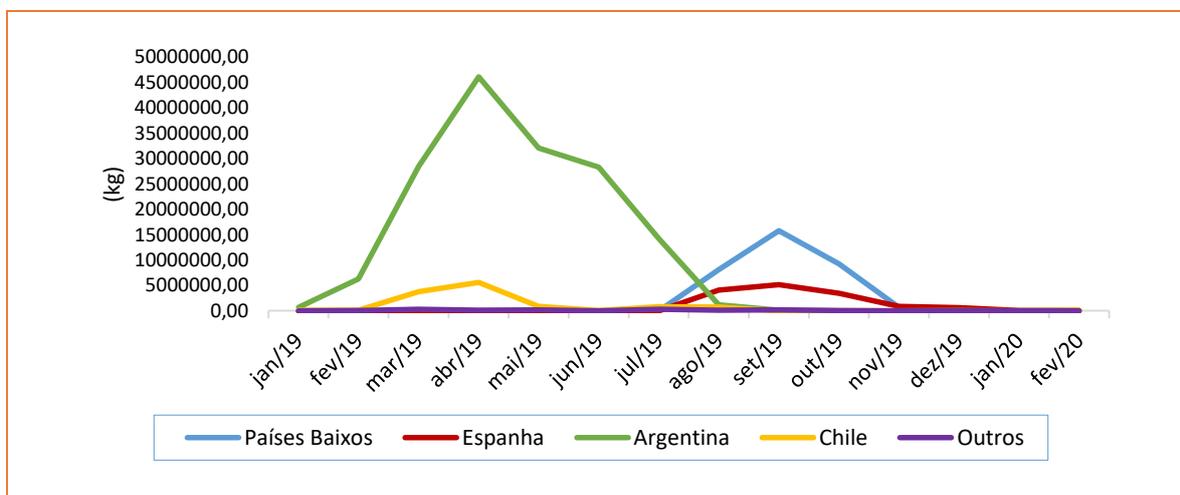


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo principais países fornecedores – 2019 e fev./ 2020

Fonte: Comexstat/ME – março/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de março, o preço do frango vivo apresentou comportamentos distintos em alguns dos principais estados produtores. No Paraná e em Santa Catarina, o preço preliminar de março permaneceu estável em relação a fevereiro (-0,1% e +0,1%, respectivamente), enquanto em São Paulo registrou-se alta de 2,2% no mesmo período.

Na comparação com os preços praticados em março de 2019, por sua vez, também se verificam situações distintas nos estados analisados: Paraná e Santa Catarina registram altas de 5,2% e 4,1%, respectivamente, enquanto São Paulo apresenta queda de 9,7%⁶. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,0%, de acordo com o IPCA/IBGE.

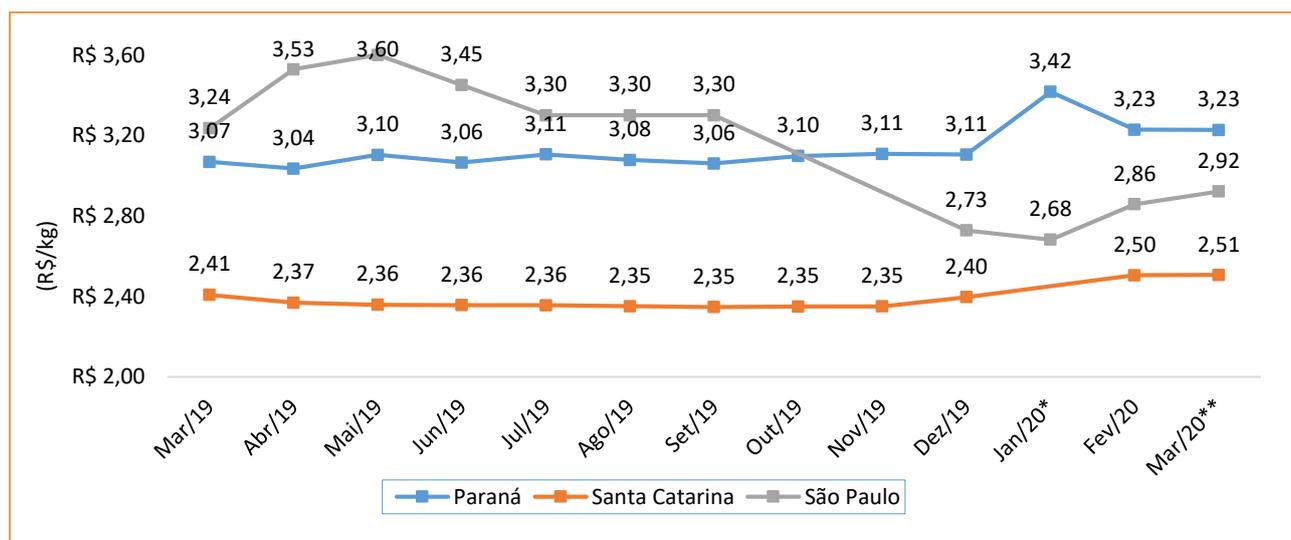


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal pago aos avicultores

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020. No caso de SP, o valor refere-se ao período de 2 a 24/mar.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Nas três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, a média das duas primeiras semanas de março manteve-se praticamente estável em relação a fevereiro. Em Chapecó foi registrada pequena variação negativa (-0,1%), enquanto no Sul Catarinense o movimento é levemente positivo (0,3%). Em Joaçaba não houve variação no período.

⁶ É importante destacar que, em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado.

Em relação aos preços praticados em março de 2019, as variações são positivas em todas as praças: 3,7% em Chapecó, 8,3% em Joaçaba e 0,7% no Sul Catarinense.

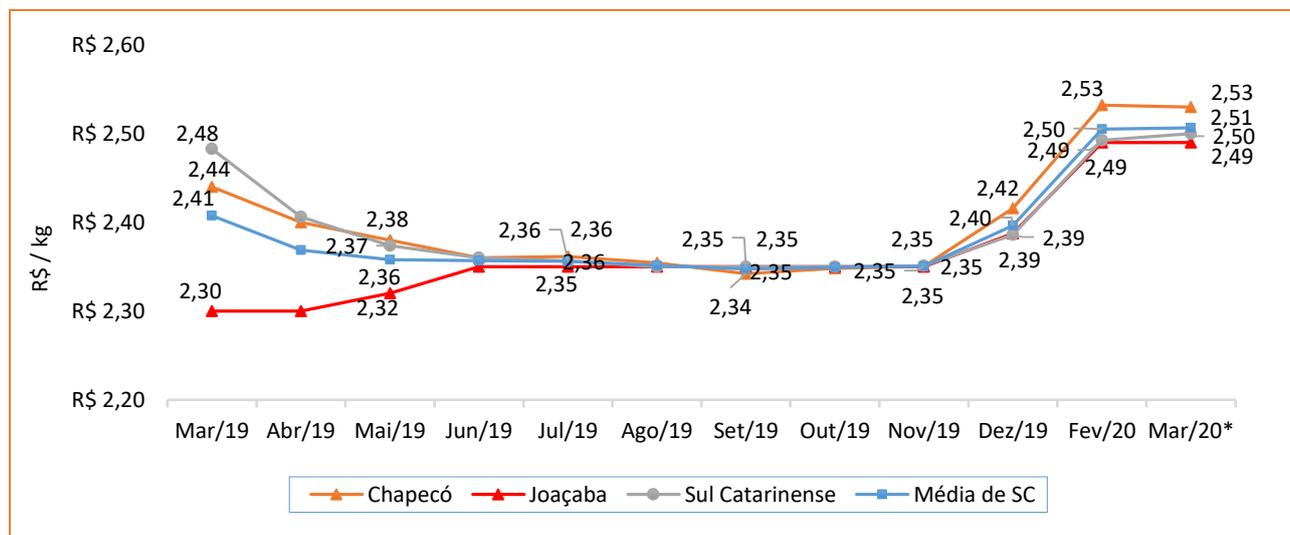


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois das altas significativas observadas no final de 2019, nas três primeiras semanas de março registrou-se uma relativa estabilização no mercado atacadista, com movimentos distintos de acordo com o corte. Dentre os quatro cortes incluídos no levantamento da Epagri/Cepa, dois registraram quedas em relação aos preços de fevereiro: frango inteiro congelado (-0,2%) e peito com osso congelado (-0,8%). O filé de peito congelado apresentou sutil alta (0,1%), enquanto a coxa/sobrecoxa congelada subiu 1,9%. A variação média dos quatro cortes foi de 0,3%.

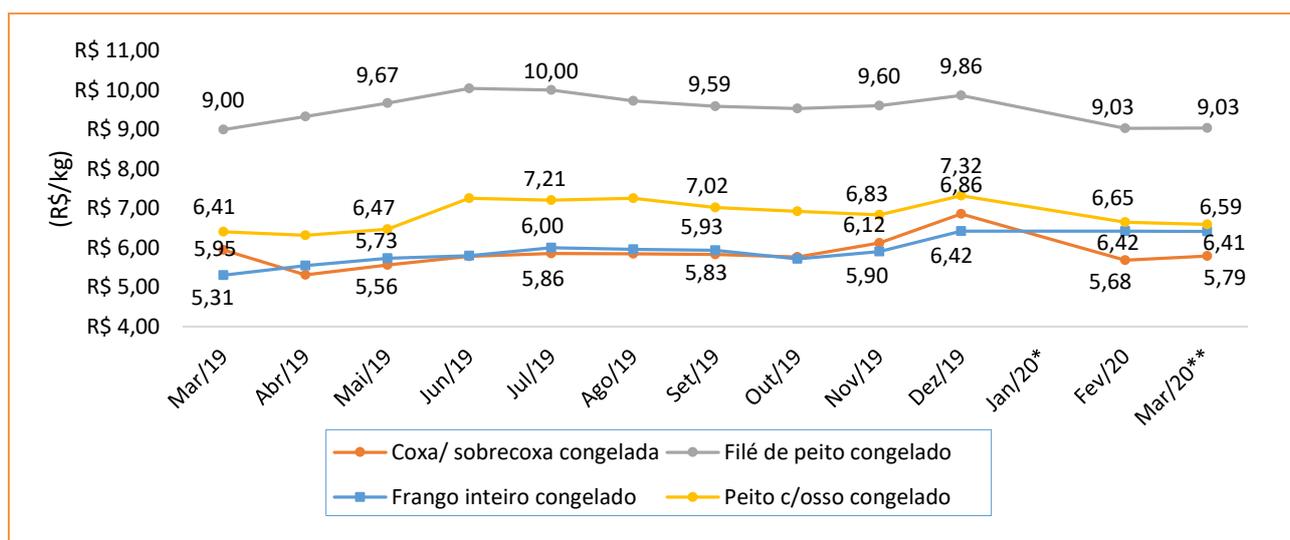


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: Atacado: preço médio mensal estadual

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

É interessante destacar que até o final da 1ª quinzena deste mês, a variação média dos quatro cortes era negativa, tendo sido observado um ligeiro movimento de alta na 3ª semana. Vale lembrar que, a partir de meados de março, com a elevação no número de casos de infectados pelo coronavírus no Brasil, as autoridades sanitárias passaram a recomendar à população que evitasse aglomerações e, na medida do possível, reduzisse os contatos sociais. Isso fez com que muita gente procurasse estabelecimentos comerciais, com o objetivo de estocar alimentos, itens de higiene e outros produtos. Com isso, muitos supermercados tiveram seus estoques significativamente reduzidos, o que pode ter estimulado essa pequena aceleração captada no levantamento de preços realizado no dia 20/março. Contudo, *a priori* não deve se observar aumento expressivo nas próximas semanas, uma vez que a demanda foi significativamente reduzida nos últimos dias.

Na comparação entre os valores preliminares de março e o mesmo mês de 2019, verificam-se situações distintas entre os diversos cortes. O frango inteiro congelado apresentou alta expressiva de 20,8%, enquanto a coxa/sobrecoxa congelada registrou queda no período (-4,3%). O peito com osso congelado e o filé de peito, por sua vez, variaram apenas 2,2% e 0,3%, respectivamente.

Custos

Em fevereiro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 1,8% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 9,4%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com nutrição (6,8%), seguido pelo custo com pintos de um dia (1,5%) e mão de obra (0,6%).

O valor preliminar da relação de equivalência insumo-produto⁷ nas três primeiras semanas de março (4,0%) demonstra a continuidade do movimento de alta observado desde outubro do ano passado. Esse resultado é decorrente da alta no preço do milho na praça de Chapecó (3,9%), enquanto o frango vivo manteve-se relativamente estável (-0,1%). Vale lembrar que na 1ª quinzena de fevereiro registrou-se queda na relação de equivalência. Contudo, com a elevação das cotações do milho na 2ª quinzena, o mês foi marcado por uma leve alta. O valor atual está 21,2% acima daquele registrado em março de 2019.

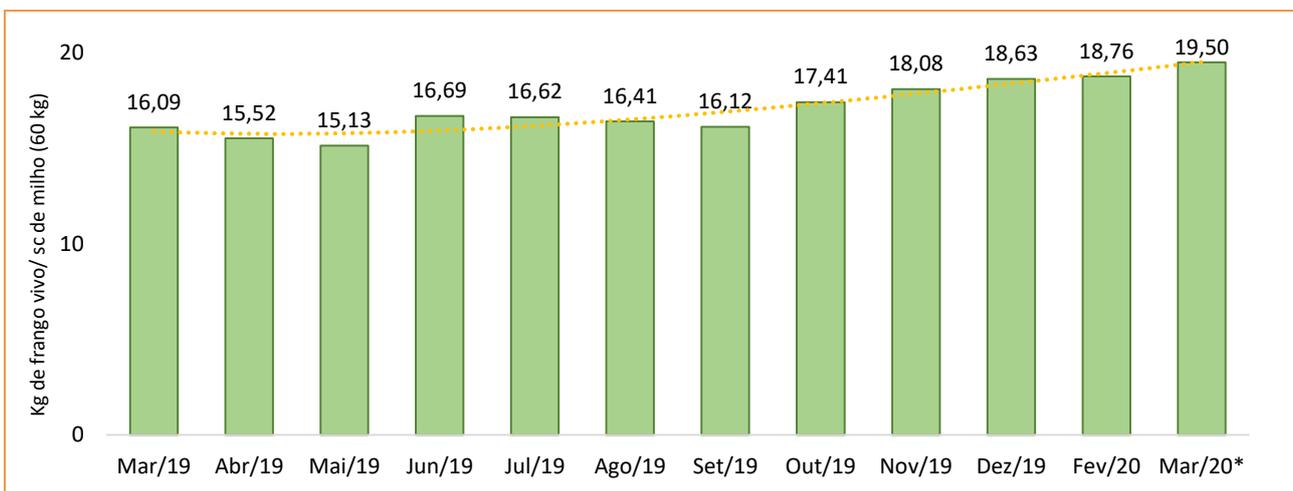


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

⁷ A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60 kg de milho.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **343,03 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **8,2%** superior ao mês anterior e **11,0%** acima de fevereiro de 2019.

O faturamento com as exportações de carne de frango em fevereiro foi de **US\$ 547,96 milhões**, alta de **5,0%** em relação ao mês anterior e de **5,8%** na comparação com fevereiro de 2019.

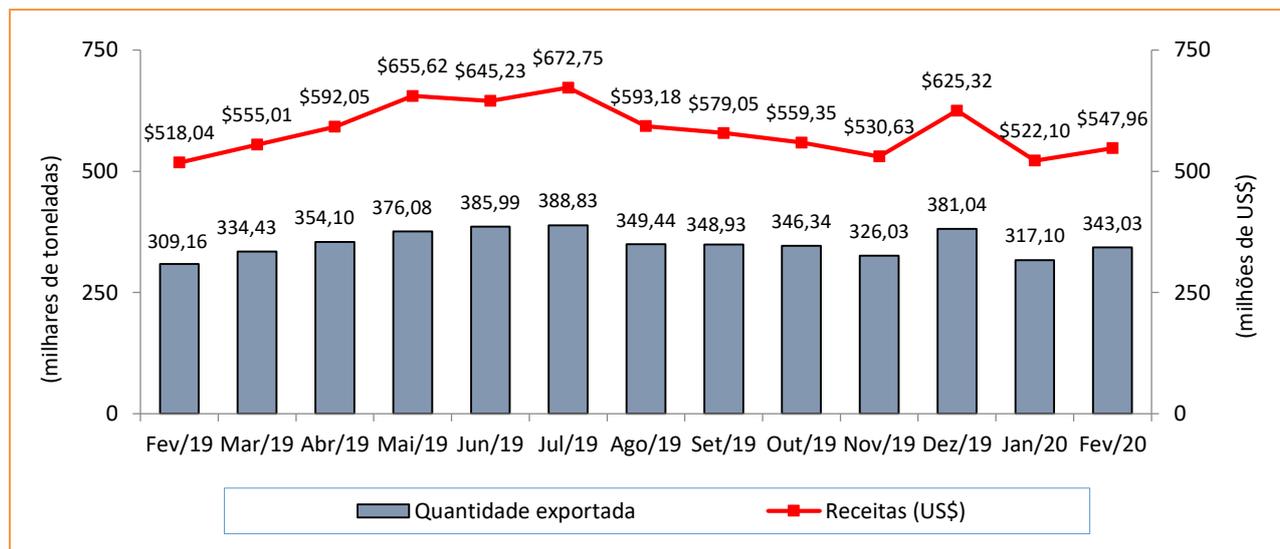


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

No primeiro bimestre deste ano, o Brasil exportou **660,1 mil toneladas** de carne de frango, com **US\$1,07 bilhão** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, registra-se alta de **11,0%** nas receitas e **13,1%** na quantidade.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango nos primeiros meses do ano foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Holanda, responsáveis por 56,0% das receitas no período.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas três primeiras semanas de março (15 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou queda em relação ao mês anterior: -13,7% em valor e -13,3% em quantidade. Na comparação com março de 2019, as variações também são negativas: -9,4% em valor e -6,5% em quantidade. Há que se levar em consideração que março deste ano terá mais dias úteis do que fevereiro passado e do que o mesmo mês de 2019.

Santa Catarina exportou **88,06 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em fevereiro, alta de **13,1%** em relação ao mês anterior, mas queda de **28,3%** na comparação com fevereiro de 2019.

As receitas de fevereiro foram de **US\$150,41 milhões**, alta de **11,9%** em relação ao mês anterior e queda de **29,9%** na comparação com fevereiro de 2019.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro foi de **US\$1.637,35/tonelada**, queda de **3,4%** em relação à média registrada no mesmo mês de 2019 e **2,6%** inferior ao valor de janeiro.

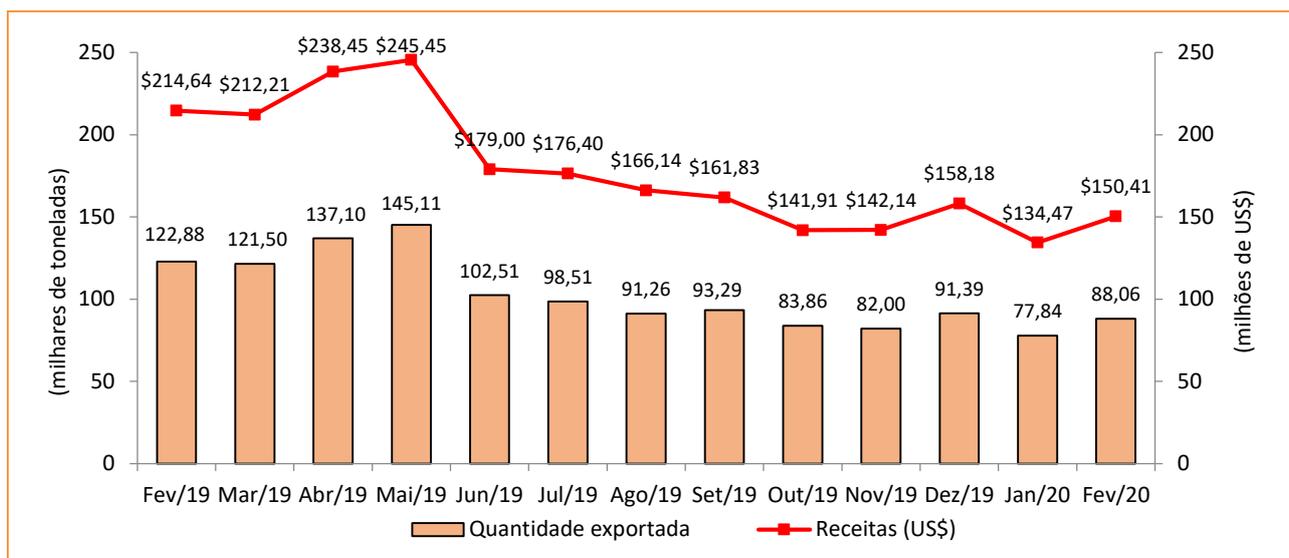


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

No primeiro bimestre, Santa Catarina exportou **165,9 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 284,9 milhões**, **-25,9%** em quantidade e **-26,2%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **26,6%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano, participação inferior à média do ano passado (31,7%).

A Tabela 1 apresenta os principais destinos da carne de frango catarinense neste ano, os quais responderam por 55,2% do valor e 50,3% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan-Fev/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	50.174.472,00	25.742
China	45.485.202,00	22.883
Emirados Árabes Unidos	23.810.154,00	13.378
Países Baixos (Holanda)	18.863.145,00	10.500
Arábia Saudita	18.838.225,00	10.964
Demais países	127.699.455,00	82.435
Total	284.870.653,00	165.902

Fonte: Comex Stat.

Depois de ter perdido a posição em janeiro, no mês passado o Japão voltou a ser o principal destino do frango catarinense, com 13,59 mil toneladas e US\$ 26,03 milhões (17,3% do total). Em relação ao mês anterior, houve um incremento de 11,9% na quantidade e 7,8% nas receitas para esse destino. Contudo, na comparação com fevereiro de 2019, os embarques para o país asiático caíram 19,6% em valor e 20,1% em quantidade.

A maioria dos principais destinos do frango catarinense apresentou variação positiva na comparação entre janeiro e fevereiro, com exceção da China (-19,8% em valor e -16,6% em quantidade) e de Cingapura (-7,5% e -5,2%).

Contudo, quando se leva em consideração o acumulado no primeiro bimestre, o cenário é bem distinto. Dentre os dez principais destinos, somente dois países registram variação positiva: China (23,9% em valor e

12,5% em quantidade) e Alemanha (7,1% e 15,4%). Dentre os demais, destacam-se as quedas observadas no Japão (-11,3% em valor e -13,7% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (-38,4% e -41,4%), Países Baixos (-36,5% e -3,6%) e Arábia Saudita (-46,1% e -45,4%).

Segundo comunicado divulgado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a demanda asiática por proteínas segue elevada. Ainda de acordo com a entidade, as questões logísticas relacionadas à epidemia de coronavírus na China não geraram impactos significativos nas exportações, principalmente em razão de alguns ajustes realizados pelos importadores. Além disso, o governo chinês tem priorizado o trânsito de alimentos.

Há que se ressaltar que, conforme relatado no boletim anterior, os impactos imediatos do coronavírus são diferentes para cada tipo de proteína. As carnes de frango e suína são menos impactadas que a carne bovina, já que as duas primeiras têm forte participação no consumo doméstico, enquanto a última é basicamente consumida em restaurantes (grande parte dos quais seguem fechados ou com clientela bastante reduzida).

De qualquer forma, não é possível descartar eventuais impactos nos próximos meses, principalmente em função da provável redução no ritmo de crescimento da economia chinesa, o que resultaria na diminuição da renda da população e num menor consumo de carnes. Por enquanto, ainda não é possível dimensionar com algum grau de confiabilidade tais impactos, dependentes, entre outras coisas, da evolução da doença.

Pelo segundo mês seguindo, os preços globais de carnes tiveram queda em fevereiro, após 11 meses de altas consecutivas, conforme divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). O índice de preços de carnes da FAO registrou variação de -2% no mês passado, na comparação com janeiro. Não obstante, ainda está 9,8% acima do valor registrado no mesmo mês de 2019. A queda foi influenciada, principalmente, pela redução nas importações de carne da China. O índice da FAO é elaborado a partir da média de 27 diferentes cotações de preços de carnes bovina, suína, de aves e de ovinos.

Coronavírus

No final de fevereiro foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Contudo, a situação começou a se agravar a partir da segunda semana de março, quando o número de casos aumentou significativamente e os órgãos de saúde passaram a orientar a população a tomar uma série de cuidados, com o objetivo de reduzir o ritmo de contágio do vírus. Nos dias seguintes, diversos estados, como é o caso de Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto nº 515, de 17 de março de 2020).

Um dos efeitos de tais medidas sobre o setor de carnes foi um rápido aumento da demanda desses produtos num primeiro momento, já que parte da população buscou estocá-los em casa e, com isso, evitar idas mais frequentes aos supermercados. Como mencionado anteriormente, a elevação dos preços de atacado no início da 2ª quinzena de março provavelmente está relacionado a tal processo.

Até a data de finalização deste boletim, os abatedouros de aves e suínos continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de nenhuma unidade fechada por questões associadas ao coronavírus no país. Grandes empresas e cooperativas do setor, assim como a própria Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), emitiram notas informando terem adotado todas as medidas recomendadas para garantir a saúde de seus trabalhadores e reafirmando a continuidade do funcionamento.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de um significativo movimento de queda em janeiro, nos meses seguintes voltou a se observar predominância de alta na maioria das praças de aquisição de bovinos para abate. Na comparação entre os preços de fevereiro e a média preliminar de março, variações positivas são registradas em seis dos oito estados analisados: 1,9% no Paraná, 1,3% no Mato Grosso, 1,0% em Goiás, 0,5% no Mato Grosso do Sul, 0,3% em São Paulo e 0,1% em Minas Gerais. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, registrou-se quedas de 1,0% e 1,4%, respectivamente.

É interessante ressaltar que, mesmo nos estados em que a média preliminar de março apresenta variação positiva, há tendência de queda nos preços diários da 2ª quinzena do mês. Esse período coincide com o início da fase de difusão mais acentuada do coronavírus no Brasil, estando as incertezas associadas a esse fato dentre as prováveis causadoras desse movimento.

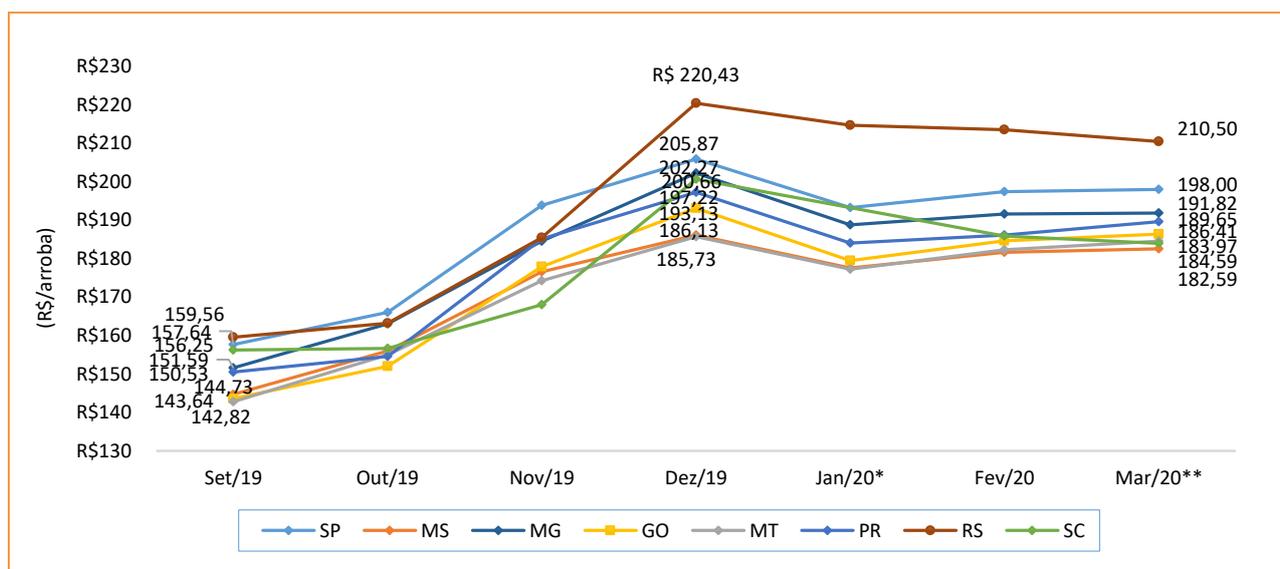


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de março são preliminares, relativos aos períodos de 2 a 20/mar, para os estados de SC, PR e RS, e de 2 a 24/mar, para os demais.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Em relação a março de 2019, os valores atuais apresentam altas significativas em todos os estados analisados: 31,8% em Minas Gerais, 31,6% no Mato Grosso, 31,1% em Goiás, 30,7% no Mato Grosso do Sul, 29,3% no Rio Grande do Sul, 29,1% em São Paulo, 26,0% no Paraná e 20,2% em Santa Catarina. Vale mencionar que a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,0%, segundo o IPCA/IBGE.

Em Santa Catarina, as praças de referência para o preço do boi gordo registram movimentos distintos na comparação entre fevereiro e as médias preliminares de março. Em Lages, verifica-se queda de 4,3% no período, enquanto, em Chapecó, registra-se alta de 1,6%.

Quando se compara a média das primeiras semanas de março com o mesmo mês de 2019, as variações são positivas nos dois casos: 8,4% em Chapecó e 9,1% em Lages.

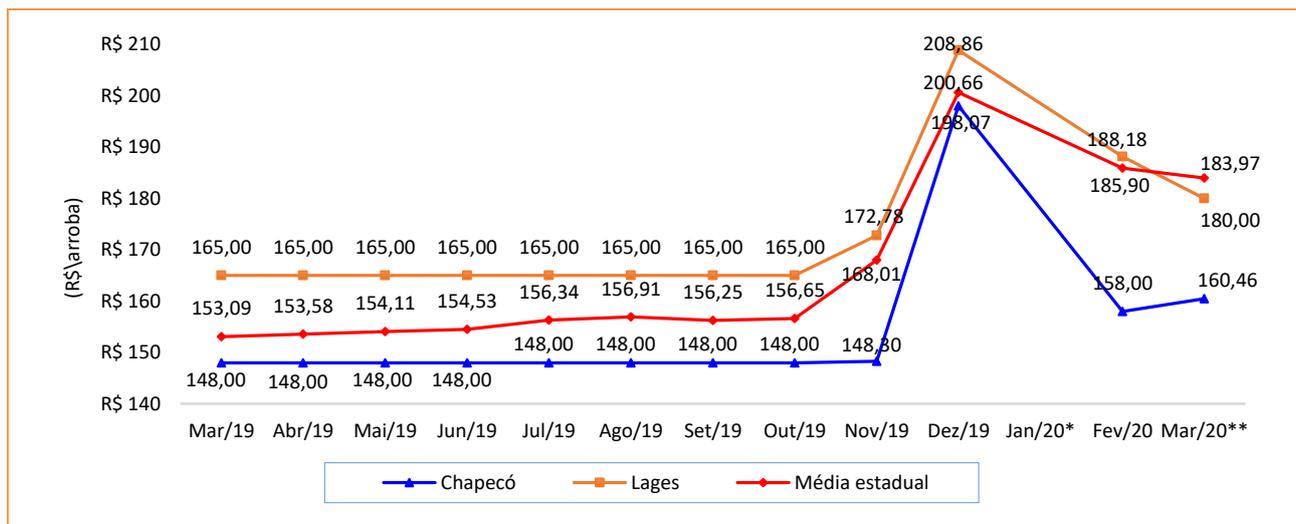


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Após altas expressivas no último bimestre de 2019, no início de 2020 o mercado atacadista de Santa Catarina foi marcado por um processo de acomodação. Na comparação com os valores de fevereiro, a média preliminar de março apresentou queda de 0,8% para a carne de dianteiro e alta de 0,8% para a de traseiro. No entanto, quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em março de 2019, as altas são significativas em ambos os casos: 46,8% na carne de dianteiro e 28,6% na carne de traseiro.

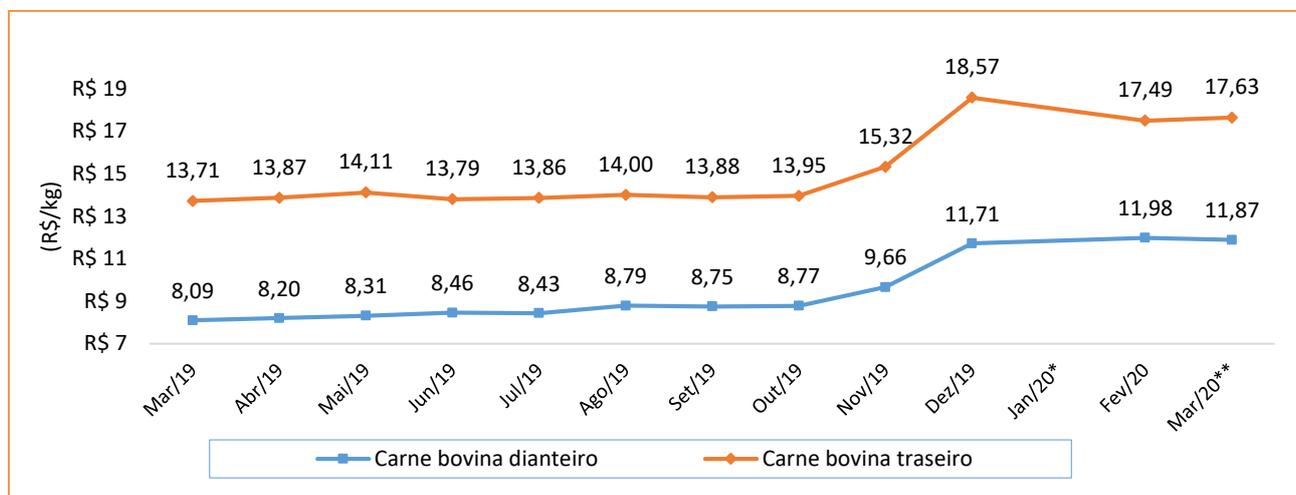


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Assim como se observou durante todo o 2º semestre de 2019 e no 1º bimestre deste ano, nas três primeiras semanas de março registrou-se variações positivas nos preços das duas categorias de animais de reposição. O preço médio preliminar dos bezerras para corte de até 1 ano em Santa Catarina subiu 3,2% na comparação com fevereiro, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos apresentaram alta de 2,8%. Na comparação com março de 2019, as variações são mais significativas: 23,7% para ambas as categorias.

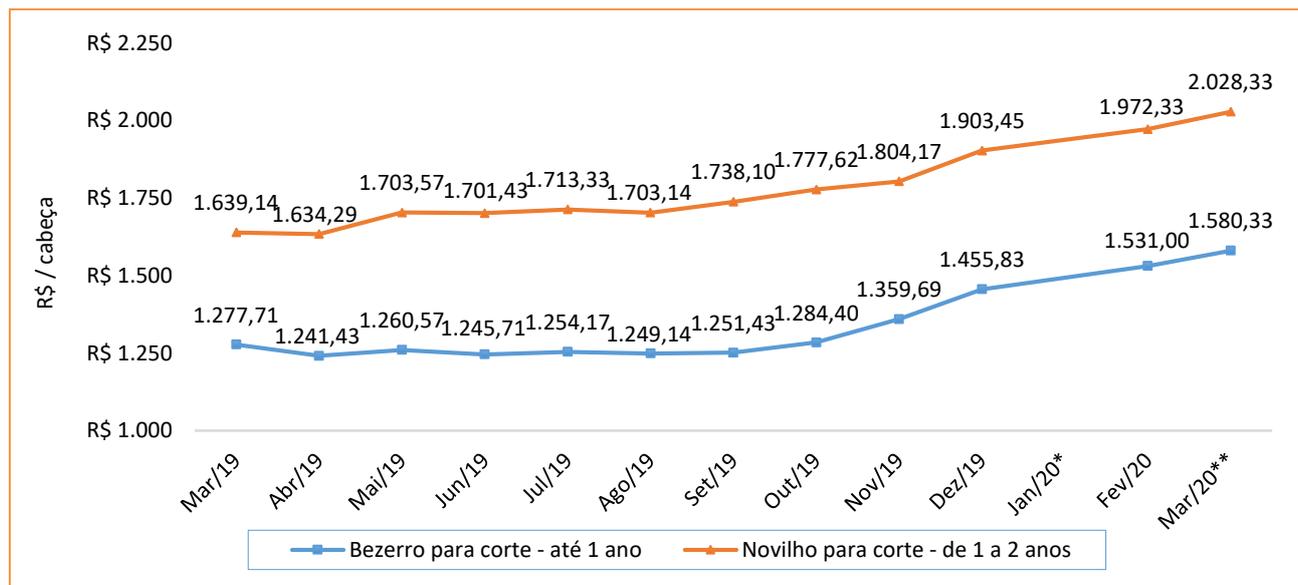


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **130,96 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **3,2%** em relação ao mês anterior e de **5,7%** na comparação com fevereiro de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 564,26 milhões**, queda de **10,6%** na comparação como mês anterior, mas alta de **9,0%** em relação a fevereiro de 2019.

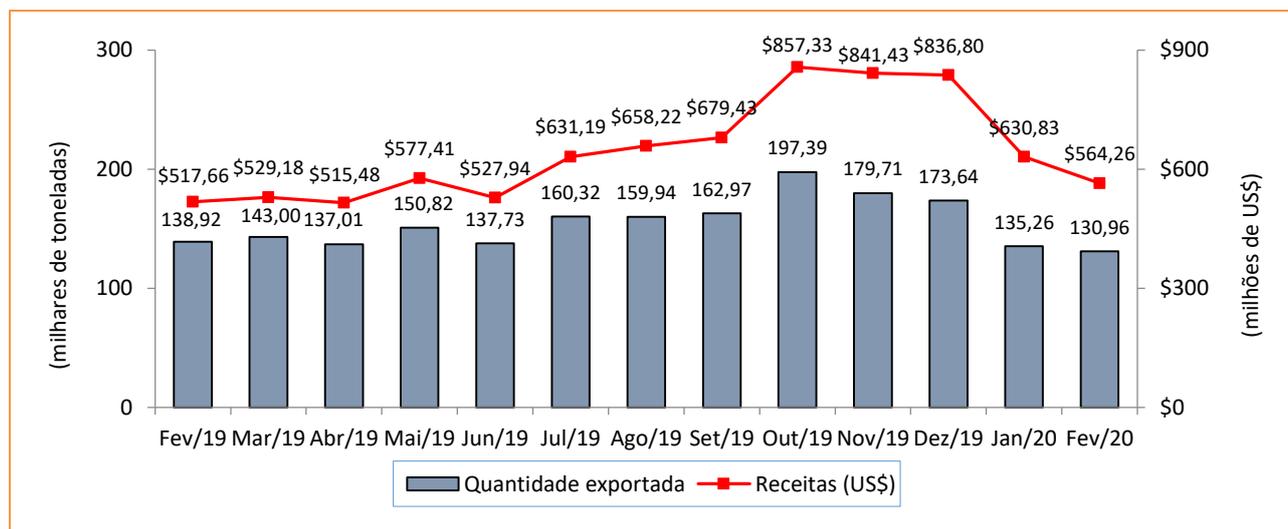


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira no mês passado foram China, Hong Kong, Chile, Rússia e Egito, responsáveis por 70,2% das receitas e 67,8% do volume embarcado.

Em relação a janeiro, a China, nosso principal comprador, reduziu em 39,1% as receitas e em 29,3% o volume importado. Esse foi um dos principais motivos da queda observada no mês passado. Contudo, em relação a fevereiro de 2019, houve ampliação dos embarques para a China: 65,4% em valor e 45,5% em quantidade.

Segundo relatos de alguns exportadores de carne bovina, no mês passado, as vendas do produto para a China neste início de ano estavam sendo afetadas pelo coronavírus, principalmente por conta de dificuldades na logística de distribuição de produtos no país. Esse cenário é distinto daquele observado para as demais carnes exportadas pelo Brasil, nas quais não se percebeu impactos significativos até o momento.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em fevereiro foi de **US\$ 4.469,20/tonelada**, alta de **19,1%** na comparação com o mesmo mês de 2019. No entanto, em relação a janeiro deste ano, registrou-se queda de 9,1%. Esse resultado é devido à concentração das renegociações de contratos no início do ano e à redução nas exportações para a China, mencionada anteriormente.

No primeiro bimestre deste ano, o Brasil exportou **266,2 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$ 1,20 bilhão** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, registra-se alta de **22,6%** nas receitas e **1,6%** na quantidade embarcada. China e Hong Kong respondem por 57,2% das receitas brasileiras deste ano com exportações desse produto.

Segundo os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas três primeiras semanas de março (15 dias úteis) observou-se queda na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mês anterior: -6,4% em valor e -5,3% em quantidade. Em relação à média diária de março de 2019, registra-se alta de 10,8% em termos de valor, mas queda de 6,7% em quantidade.

Em fevereiro, Santa Catarina exportou **267 toneladas** de carne bovina, queda de 35,1% em relação ao mês anterior e de 24,4% na comparação com fevereiro de 2019. O faturamento foi de **US\$ 773 mil**, 36,9% inferior a janeiro e -24,4% em relação a fevereiro do ano passado.

Nos dois primeiros meses do ano, Santa Catarina exportou **677 toneladas** de carne bovina, com **US\$ 2 milhões** em receitas, o que, na comparação com o mesmo período de 2019, representa variação de -8,3% em quantidade e -4,8% em valor. Hong Kong foi o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 60,3% das receitas.

Recentemente, o Rabobank divulgou relatório em que se aponta a perspectiva de que a China desacelere as importações de carne bovina no 1º bimestre. Segundo a instituição, nos últimos meses de 2019, empresas chinesas ampliaram suas aquisições e reforçaram seus estoques, em preparação para o ano novo chinês, que é comemorado no final de janeiro. Contudo, o surto de coronavírus reduziu a demanda que era esperada para o período.

Conforme já havia sido relatado na edição anterior do Boletim Agropecuário, o impacto do coronavírus é diferente para cada tipo de proteína. Uma das mais afetadas é a carne bovina, cujo consumo ocorre, preponderantemente, em restaurantes, grande parte dos quais estiveram fechados ou funcionaram com clientela reduzida nas últimas semanas. A perspectiva é de que grande parte dos estabelecimentos permaneçam fechados até o final de março.

O cenário mais provável, segundo o Rabobank, é que as importações de carne bovina da China retomem o ritmo normal a partir do 3º trimestre, sendo possível observar sinais de recuperação ao longo do 2º trimestre. Apesar disso, se espera que as importações de carne bovina da China continuem a crescer em 2020, ressalta o relatório da instituição.

Por outro lado, mesmo que se observe uma redução dos impactos diretos ao longo dos próximos meses, não se pode descartar o efeito de impactos indiretos sobre as exportações brasileiras de carne bovina. A redução do ritmo de crescimento da economia chinesa e de outros países, por exemplo, possivelmente resultaria na

redução da renda da população e num menor consumo de carnes. No entanto, por enquanto ainda não é possível dimensionar os reais efeitos da doença sobre o mercado de carnes.

Pelo segundo mês seguido, os preços globais de carnes tiveram queda em fevereiro, após 11 meses de altas consecutivas, conforme divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). O índice de preços de carnes da FAO registrou variação de -2% no mês passado, na comparação com janeiro. Não obstante, ainda está 9,8% acima do valor registrado no mesmo mês de 2019. A queda foi influenciada, principalmente, pela redução nas importações de carne da China. A maior queda nos preços ocorreu na carne de ovinos, seguida da carne bovina, afirmou a FAO em comunicado. O índice da FAO é elaborado a partir da média de 27 diferentes cotações de preços de carnes bovina, suína, de aves e de ovinos.

Coronavírus

No final de fevereiro foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Contudo, a situação começou a se agravar a partir da segunda semana de março, quando o número de casos aumentou significativamente e os órgãos de saúde passaram a orientar a população a tomar uma série de cuidados, com o objetivo de reduzir o ritmo de contágio do vírus. Nos dias seguintes, diversos estados, como é o caso de Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto nº 515, de 17 de março de 2020).

Um dos efeitos de tais medidas sobre o setor de carnes foi um rápido aumento da demanda desses produtos num primeiro momento, já que parte da população buscou estocá-los em casa e, com isso, evitar idas mais frequentes aos supermercados. No caso de alguns tipos de proteína animal, observou-se uma elevação nos preços de atacado no início da 2ª quinzena de março, provavelmente está relacionada a tal processo. No caso da carne bovina, contudo, não foram registradas variações significativas. Uma explicação para isso é o fato dos frigoríficos contarem com estoques significativos, já que nos meses anteriores houve desaceleração no ritmo de exportações, conforme já mencionado.

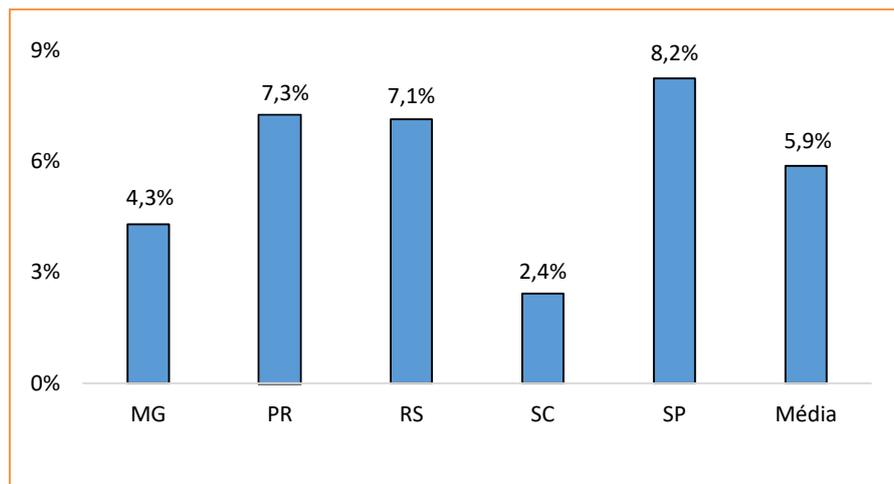
Até a data de finalização deste boletim, as principais empresas do setor (JBS, Marfrig e Minerva) haviam anunciado a concessão de férias coletivas e suspensão temporária das operações em pelo menos 11 unidades. Segundo notas divulgadas pelas mesmas, essas medidas são decorrentes da menor demanda por carne bovina nos mercados interno e externo. Em sua nota, a Minerva também mencionou que o fechamento temporário de algumas unidades e a adoção do sistema de *home office* para grande parte dos funcionários administrativos seriam medidas que visam colaborar com o combate à propagação do novo coronavírus.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após altas acentuadas ao longo do 2º semestre de 2019, o 1º bimestre de 2020 foi marcado pela predominância de queda nos preços dos suínos vivos, decorrentes, principalmente, da redução no consumo



de carnes que tradicionalmente se observa nesse período. Nas primeiras semanas de março, os preços preliminares dos suínos vivos voltaram a registrar variações positivas nos principais estados produtores. Os índices variam de 2,4%, em Santa Catarina, a 8,2%, em São Paulo, como é possível observar na Figura 1.

Na comparação entre os valores atuais e os preços de março de 2019, as diferenças são expressivamente positivas nos cinco estados: 51,8% no Rio Grande do Sul, 43,5% no Paraná, 39,0% em São Paulo,

Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (fevereiro/março de 2020*)

* Os valores de março são preliminares, relativos aos períodos de 2 a 20/mar., para o caso de SC, e de 2 a 23/mar., para os demais estados.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

37,8% em Minas Gerais e 37,6% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,0%, segundo o IPCA/IBGE.

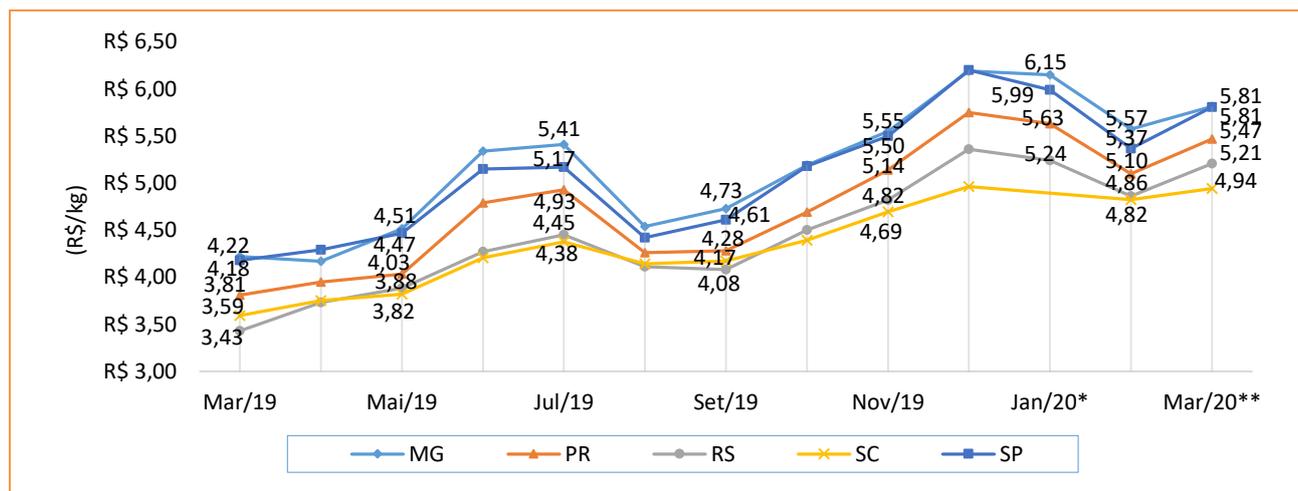


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados

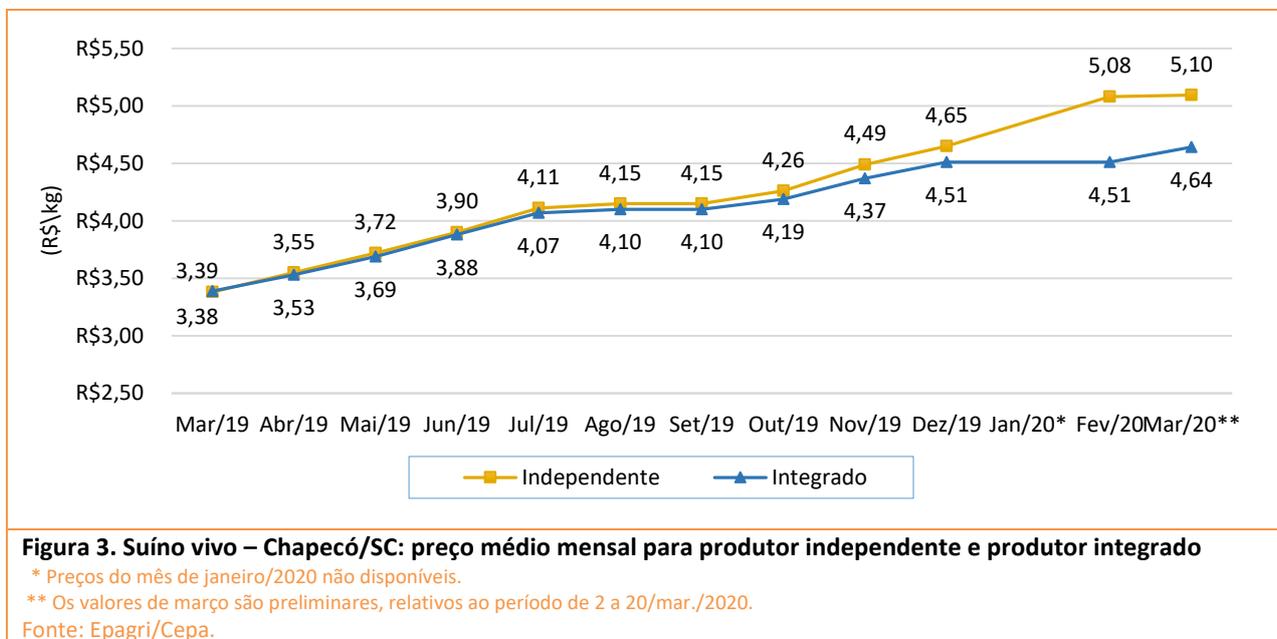
* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos aos períodos de 2 a 20/mar., para o caso de SC, e de 2 a 23/mar., para os demais estados.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os preços preliminares de março apontam a continuidade do movimento de alta que foi observado durante todo o ano passado. O valor pago

ao produtor independente apresentou alta de 0,3% na comparação entre fevereiro e março do corrente ano. Já no caso do produtores integrados, registrou-se alta de 2,9%. Na comparação com março de 2019, as altas são significativas para ambas as categorias: 50,8% para os produtores independentes e 36,9% para os integrados.



Embora os levantamentos de preços mais recentes indiquem a continuidade do movimento de alta, relatos informais apontam que em algumas praças de Santa Catarina foram observadas pequenas quedas no decorrer desta semana, provavelmente decorrentes da menor demanda por carnes no período de quarentena do coronavírus. Contudo, é necessário monitorar o comportamento dos preços no decorrer das próximas semanas, para avaliar os efetivos impactos.

No mercado atacadista, nas três primeiras semanas de março observou-se movimento de alta em quase todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, na comparação com o mês anterior: costela (11,8%), pernil (5,0%), carcaça (1,0%) e carré (0,8%). Somente o lombo suíno não apresentou variação em relação à média do mês anterior. A variação média dos cinco cortes foi de 3,7%.

Na 1ª quinzena de março já se observava variação positiva na maioria dos cortes. Contudo, na 3ª semana registrou-se uma ligeira acentuação no movimento de alta. Vale lembrar que, a partir de meados de março, com a elevação no número de casos de infectados pelo coronavírus no Brasil, as autoridades sanitárias passaram a recomendar à população que evitasse aglomerações e, na medida do possível, reduzisse os contatos sociais. Isso fez com que muita gente procurasse estabelecimentos comerciais, com o objetivo de estocar alimentos, itens de higiene e outros produtos. Com isso, muitos supermercados tiveram seus estoques significativamente reduzidos, o que pode ter estimulado essa pequena aceleração captada no levantamento de preços realizado no dia 20/março. Contudo, *a priori* não deve se observar aumento expressivo nas próximas semanas, uma vez que a demanda foi significativamente reduzida nos últimos dias.

Em relação aos preços de março de 2019, as variações ainda são positivas e significativas para todos os cortes: pernil (41,8%), costela (27,8%), carcaça (19,4%), lombo (17,2%) e carré (10,4%). Na média, a variação foi de 22,5% nesse período.

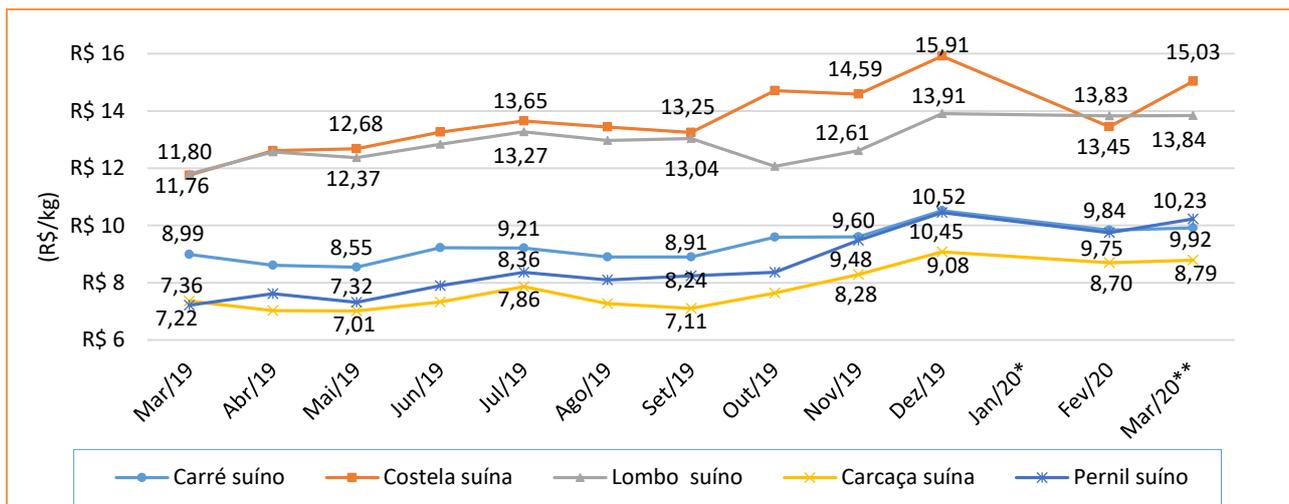


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços preliminares dos leitões referentes às três primeiras semanas de março demonstram a manutenção do movimento de alta registrado no setor desde junho de 2018: os animais de 6 a 10kg apresentaram alta de 1,8% em relação a fevereiro, enquanto os leitões na faixa dos 22kg tiveram variação de 0,7% no mesmo período. Na comparação com as médias de março de 2019, verificam-se altas expressivas em ambas as categorias: 35,6% para os leitões de 6 a 10kg e de 34,3% para os leitões na faixa dos 22kg.

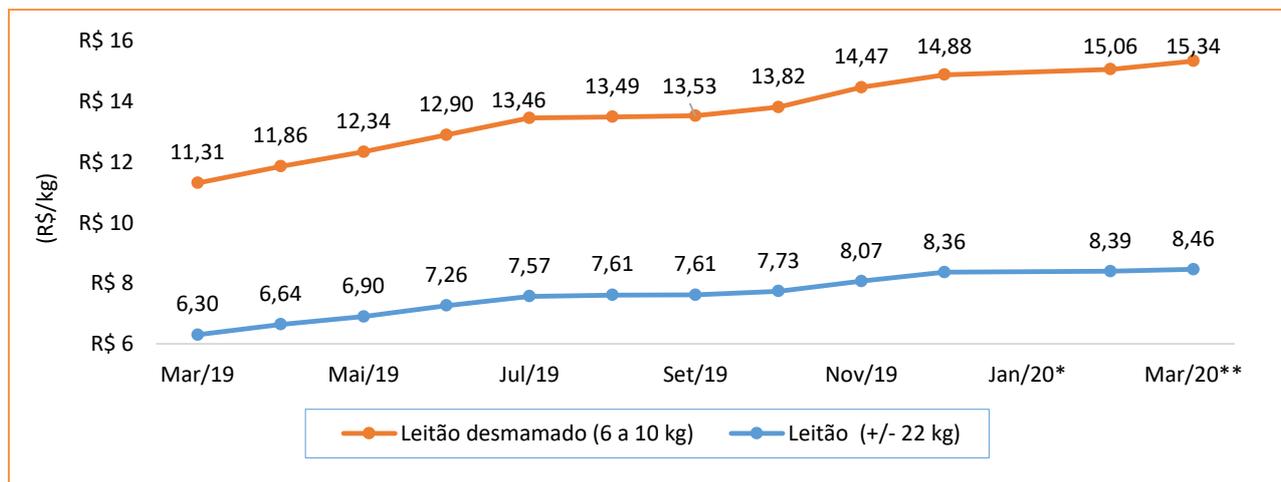


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de março, a relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 2,3% em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da alta no preço do milho (3,9%), parcialmente coberta pela elevação do preço do suíno vivo (1,5%), ambos na praça de Chapecó. Em relação a março de 2019, o valor atual apresenta queda de 12,6%.

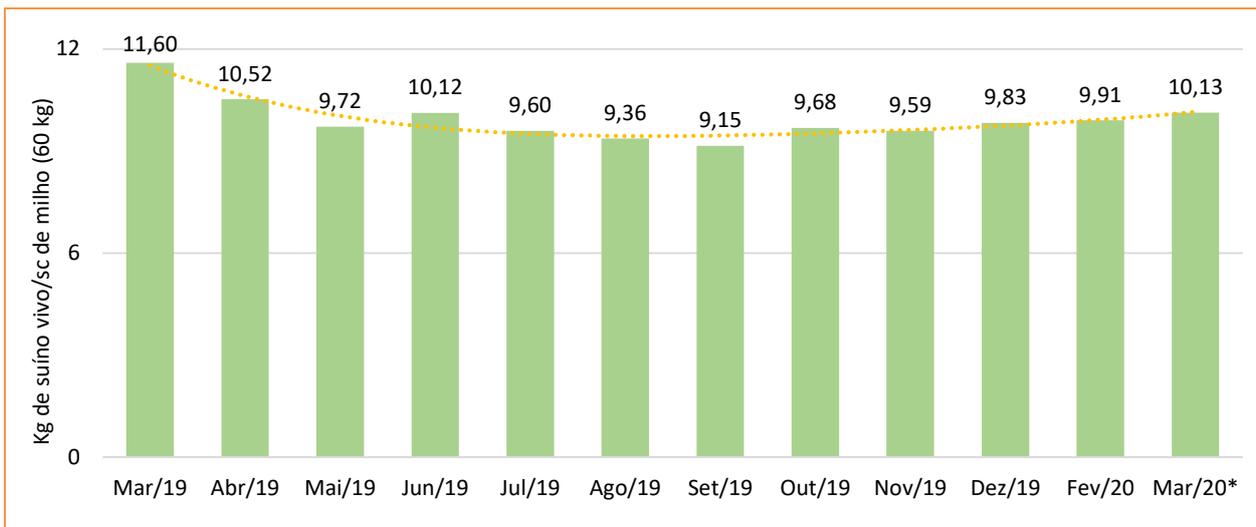


Figura 6. Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 2 a 20/mar./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) referente ao mês de fevereiro, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 2,4% em relação a janeiro. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação é de 10,4%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (8,9%).

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **66,6 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **1,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **25,4%** na comparação com fevereiro de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 154,10 milhões**, queda de **5,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **55,4%** na comparação com fevereiro de 2019.

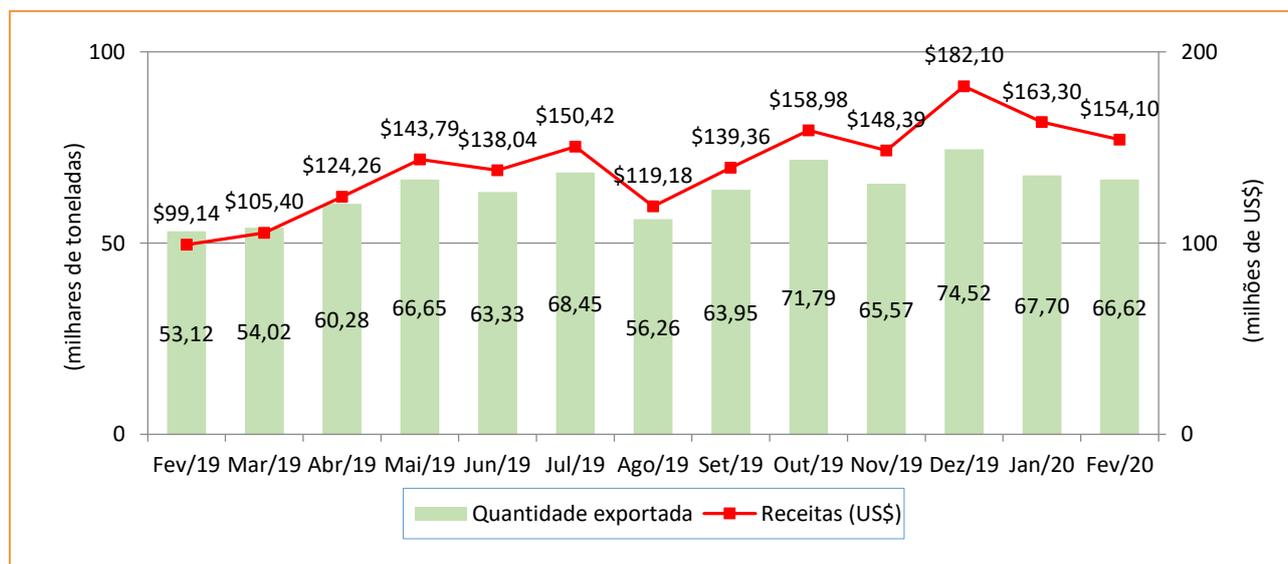


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

No primeiro bimestre deste ano, o Brasil exportou **134,2 mil toneladas** de carne suína, com **US\$317,40 milhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, registra-se alta de **67,1%** nas receitas e **33,3%** na quantidade.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína nos dois primeiros meses do ano foram China, Hong Kong, Chile, Cingapura e Uruguai, responsáveis por 82,6% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,7% do total.

Segundo os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas três primeiras semanas de março (15 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou pequena queda em relação ao mês anterior: -0,5% em valor e -2,2% em quantidade. Na comparação com as médias diárias de março de 2019, contudo, verificam-se altas significativas: 55,6% em valor e 26,6% em quantidade. Levando-se em consideração que o mês corrente possui mais dias úteis do que fevereiro e do que março de 2019, é provável que os resultados finais do mês sejam positivos.

Santa Catarina exportou **35,0 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em fevereiro, queda de **9,2%** em relação ao mês anterior, mas alta de **7,8%** na comparação com fevereiro de 2019. Em relação ao índice negativo, é preciso levar em consideração que em janeiro registrou-se o segundo maior volume já exportado num único mês. Além disso, fevereiro possui menos dias úteis que janeiro, o que também contribuiu para a queda.

O faturamento de fevereiro, por sua vez, foi de **US\$80,66 milhões**, queda de **12,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **37,4%** na comparação com fevereiro de 2019. Mais uma vez, a variação negativa não é surpreendente, dado que em janeiro registrou-se o recorde estadual em termos de valor exportado, além do menor número de dias úteis de fevereiro.

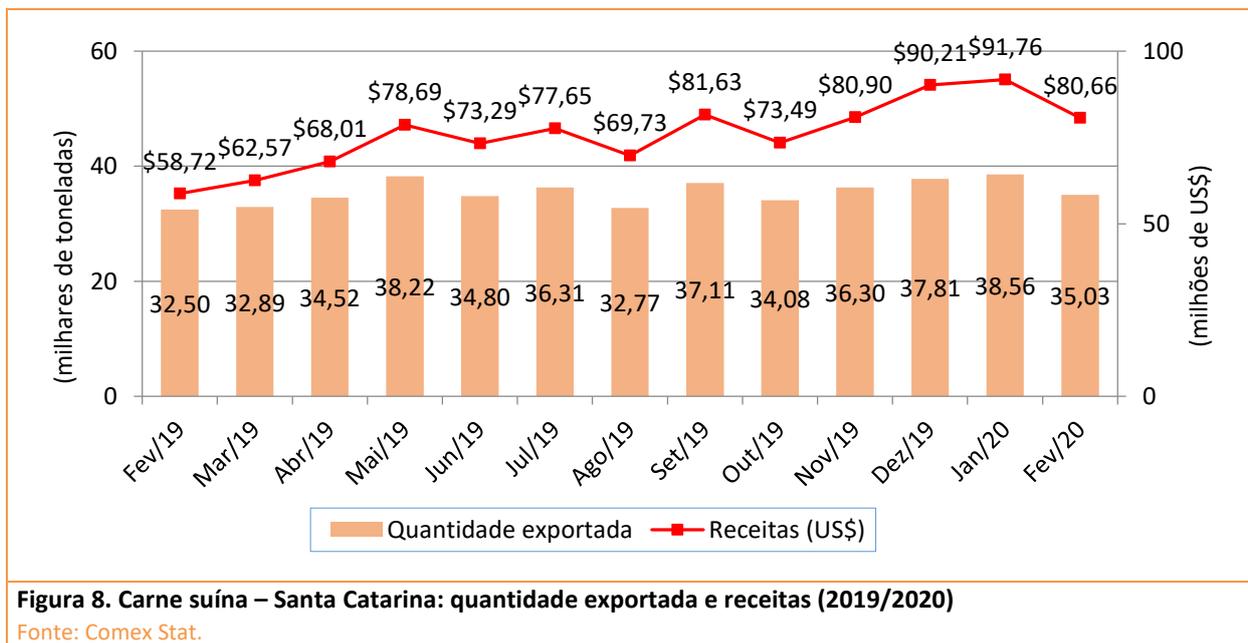


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro foi de **US\$2.395,90/tonelada**, queda de **4,0%** em relação a janeiro, mas alta de **25,8%** na comparação com fevereiro de 2019.

No primeiro bimestre, Santa Catarina exportou **73,6 mil toneladas** de carne suína, com faturamento de **US\$172,41 milhões**, alta de **19,1%** em quantidade e **-26,2%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **54,3%** das receitas e **54,8%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 83,6% das receitas e 80,4% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 68,2% do valor e 67,0% do volume.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan-Fev/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	96.358.755,00	38.643
Hong Kong	21.179.718,00	10.668
Chile	15.252.481,00	6.256
Japão	6.145.255,00	1.746
Argentina	5.184.897,00	1.857
Demais países	28.292.765,00	14.413
Total	172.413.871,00	73.583

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, três apresentaram variações negativas no acumulado deste ano em relação ao mesmo período de 2019: Argentina (-29,0% em valor e -45,4% em quantidade), Cingapura (-26,5% e -37,4%) e Uruguai (-29,3% e -49,4%). O Chile registrou queda na quantidade (-10,5%), mas alta em termos de valor (13,4%).

Dentre as variações positivas, merecem destaque: China (168,4% em valor e 116,4% em quantidade), Japão (313,7% e 325,0%), Vietnã (263,5% e 287,7%) e Coreia do Sul (174,7% e 51,1%). Japão e Coreia do Sul são mercados exclusivos de Santa Catarina, sendo reconhecidos por seu elevado rigor em relação às questões sanitárias. Já o Vietnã, assim como a China, enfrenta uma severa crise na suinocultura, por conta do surto de peste suína africana (PSA) que atinge diversos países do continente asiático.

É importante destacar que a demanda chinesa deve continuar elevada este ano, já que houve queda brusca no rebanho suíno chinês ao longo de 2019, em decorrência do surto de PSA que atinge aquele país. Além disso, alguns analistas apontam para a possibilidade do recente surto de coronavírus afetar o processo de recuperação da produção suína da China, já que o país passa por alguns problemas internos relacionados ao abastecimento das granjas, em função do vírus.

Segundo comunicado divulgado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a demanda asiática por proteínas segue elevada. Ainda de acordo com a entidade, as questões logísticas relacionadas à epidemia de coronavírus na China não geraram impactos significativos nas exportações, principalmente em razão de alguns ajustes realizados pelos importadores. Além disso, o governo chinês tem priorizado o trânsito de alimentos.

Há que se ressaltar que, conforme relatado no boletim anterior, os impactos imediatos do coronavírus são diferentes para cada tipo de proteína. As carnes de frango e suína são menos impactadas que a carne bovina, já que as duas primeiras têm forte participação no consumo doméstico, enquanto a última é basicamente consumida em restaurantes (grande parte dos quais seguem fechados ou com clientela bastante reduzida).

De qualquer forma, não é possível descartar eventuais impactos nos próximos meses, principalmente em função da provável redução no ritmo de crescimento da economia chinesa, o que resultaria na diminuição da renda da população e num menor consumo de carnes. Por enquanto, ainda não é possível dimensionar com algum grau de confiabilidade tais impactos, dependentes, entre outras coisas, da evolução da doença.

Pelo segundo mês seguido, os preços globais de carnes tiveram queda em fevereiro, após 11 meses de altas consecutivas, conforme divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). O índice de preços de carnes da FAO registrou variação de -2% no mês passado, na comparação com

janeiro. Não obstante, ainda está 9,8% acima do valor registrado no mesmo mês de 2019. A queda foi influenciada, principalmente, pela redução nas importações de carne da China.

A maior queda nos preços ocorreu na carne de ovinos, seguida da carne bovina, segundo o comunicado da FAO. No caso da carne suína, houve pequeno aumento em termos mundiais, decorrente da limitada oferta na Europa. O índice da FAO é elaborado a partir da média de 27 diferentes cotações de preços de carnes bovina, suína, de aves e de ovinos.

Peste suína africana (PSA)

Nas últimas semanas, o número de focos de PSA registrados na Ásia ficou praticamente estável, com crescimento de apenas 0,1%. Segundo a FAO, desde o início da crise já foram detectados focos de PSA em onze países asiáticos (Camboja, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Laos, Mongólia, Myanmar, Timor Leste e Vietnã), resultando na eliminação de mais de 7,88 milhões de suínos por causa do surto da doença que atinge o continente.

Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país. Em relação aos dados apresentados no boletim anterior, aumentou em 50,7 mil o número de animais mortos ou sacrificados em decorrência direta da doença.

Coronavírus

No final de fevereiro foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Contudo, a situação começou a se agravar a partir da segunda semana de março, quando o número de casos aumentou significativamente e os órgãos de saúde passaram a orientar a população a tomar uma série de cuidados, com o objetivo de reduzir o ritmo de contágio do vírus. Nos dias seguintes, diversos estados, como é o caso de Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto nº 515, de 17 de março de 2020).

Um dos efeitos de tais medidas sobre o setor de carnes foi um rápido aumento da demanda desses produtos num primeiro momento, já que parte da população buscou estocá-los em casa e, com isso, evitar idas mais frequentes aos supermercados. Como mencionado anteriormente, a elevação dos preços de atacado no início da 2ª quinzena de março provavelmente está relacionado a tal processo.

Até a data de finalização deste boletim, os abatedouros de aves e suínos continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de nenhuma unidade fechada por questões associadas ao coronavírus no país. Grandes empresas e cooperativas do setor, assim como a própria Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), emitiram notas informando terem adotado todas as medidas recomendadas para garantir a saúde de seus trabalhadores e reafirmando a continuidade do funcionamento.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião de fevereiro/2020, o Conseleite/SC havia projetado o preço de referência em R\$1,2096/l, levemente abaixo do preço de janeiro/2020. Na reunião de março, com alteração do quadro de mercado, houve elevação no preço final de fevereiro e novo aumento no preço de março (**Tabela 1**).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite/SC – 2018-20

Mês	R\$/litro na propriedade, com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2387	10,1	3,6
Abril	1,1295	1,2185		7,9	
Maiο	1,1522	1,2535		8,8	
Junho	1,3454	1,2036		-10,5	
Julho	1,405	1,156		-17,7	
Agosto	1,2997	1,1918		-8,3	
Setembro	1,2582	1,1767		-6,5	
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Março/2020: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Pelos levantamentos regionais da Epagri/Cepa houve diferentes movimentos de preços aos produtores neste mês de março. Algumas empresas pagaram menos, outras o mesmo preço, e outras mais do que no mês passado. Ainda assim, o preço médio estadual de março ficou levemente acima do de fevereiro (**Tabela 2**).

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores - 2018-20

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,28	30,2	2,4
Abril	1,01	1,27		25,7	
Maiο	1,09	1,32		21,1	
Junho	1,14	1,32		15,8	
Julho	1,3	1,23		-5,4	
Agosto	1,35	1,19		-11,9	
Setembro	1,31	1,21		-7,6	
Outubro	1,28	1,21		-5,5	
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum nas principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Que tendência de preço os produtores devem esperar para os meses vindouros? Está mais complexo do que já é normalmente fazer qualquer projeção. Pois, embora a corrida de consumidores/varejistas para a compra/estocagem tenha elevado os preços de alguns derivados lácteos, especialmente do leite UHT, é pouco provável que isso perdure no cenário esperado como desdobramento da pandemia do COVID-19: acentuada redução da atividade econômica, aumento do desemprego, redução da renda, ampliação da informalidade, crescimento da insegurança de gastos, etc. Ou seja, ainda que recebam em abril preços bem melhores que os de março, parece inexistir espaço para otimismo para os meses subsequentes.

Balança comercial

O que não tem preocupado o setor é o comportamento da balança comercial de lácteos. As importações brasileiras seguem decrescentes. No primeiro bimestre houve redução de 35% em relação à quantidade importada no mesmo período de 2019. Na mesma comparação, as exportações aumentaram 18% e o saldo negativo foi reduzido em 43% (**Tabela 3**).

Tabela 3. Lácteos – Brasil: balança comercial - 2018-2020

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Janeiro	8.366	13.649	10.583	2.068	1.614	2.859	-6.298	-12.035	-7.724
Fevereiro	10.332	16.046	8.854	2.263	2.329	1.786	-8.069	-13.717	-7.068
1º Bimestre	18.698	29.695	19.437	4.331	3.943	4.645	-14.367	-25.752	-14.792
Março	9.029	10.689		2.228	2.897		-6.801	-7.792	
Abril	11.965	10.864		1.343	1.661		-10.622	-9.203	
Maiο	13.418	13.729		712	1.947		-12.706	-11.782	
Junho	11.077	10.954		1.042	1.612		-10.035	-9.342	
Julho	13.848	9.949		1.127	1.799		-12.721	-8.150	
Agosto	13.266	9.858		2.018	1.893		-11.248	-7.965	
Setembro	11.863	12.759		2.653	2.035		-9.210	-10.724	
Outubro	18.471	9.777		1.919	1.959		-16.552	-7.818	
Novembro	17.919	10.826		2.207	2.074		-15.712	-8.752	
Dezembro	10.285	10.235		2.664	1.963		-7.621	-8.272	
Total	149.839	139.335		22.244	23.783		-127.595	-115.552	

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.